

attra

Fascismo: definição e história  
Luce Fabbrì

viés ória

edição revisada  
e comentada

da his

tória és



Fascismo: definição e história  
Luce Fabbrì

1ª edição  
revisada  
e comentada



microutopias

PS\_São Paulo



# Responsabilidade ativa: Luce Fabbri em nós

O momento atual exige estudar a obra de Luce Fabbri, que tem muito a nos ensinar sobre cotidianidade e resistência. Há um ano começamos uma conversa sobre publicar a pensadora anarquista.

A primeira ideia era fazer uma edição fac-símile de *Camisas Negras* (Ediciones Nervio, Buenos Aires, 1934), aos moldes da feita pela Série Aquela Mulher/Tenda de Livros com o livro de Maria Lacerda de Moura (*A mulher é uma degenerada*). Porém, um livro é um trabalho coletivo, e cada projeto pede uma solução.

A conversa da coedição foi crescendo e tomando forma e conteúdo. Nas buscas em Montevideu, Darío Marroche encontrou em um sebo o opúsculo *El fascismo, definición e historia* (1963). Diferente de *Camisas Negras*, de 276 páginas, *El fascismo* era mais sintético e num formato muito similar às antigas publicações que os anarquistas faziam para leitura e prática coletivas. Decidimos que seria esse o nosso livro, o nosso lugar de experiência individual e coletiva. O texto de Luce fomenta o debate e a reflexão a partir de uma história atravessada pela vivência pessoal, em que o testemunho de uma mulher antifascista nos faz compreender uma época e também as repetições históricas e cíclicas do capitalismo. Assim, nós nos conectamos em luta com quem já passou por algo similar ao que estamos vivendo hoje, dia a dia em nossos países do Cone Sul. Decidimos que a publicação teria esse público regional, atravessaria, mesmo que em tentativa, as nossas fronteiras: que são muito mais que geográficas. O espaço permeia nossos corpos, nossos símbolos, e nos reconhecer além de nacionalidades é fortalecer-nos em ações práticas, simbólicas e afetivas contra o perigo fascista. Porém, não podemos esquecer que, como bem diz Luce ao finalizar o texto, “As únicas defesas reais contra esse múltiplo e complexo perigo estão em cada um, na racionalidade e na espontaneidade de cada um, nessa responsabilidade ativa de cada ser humano em relação aos outros, que é ao mesmo tempo um afirmar-se como indivíduo e um entregar-se ao coletivo”.

Se almejávamos uma experiência alargada, desde o Cone Sul, o projeto só existiria se isso fosse posto em movimento. Aos poucos fomos compreendendo como seria o livro: a construção coletiva do trabalho a ser realizado, o encontro com o texto, a tradução, as decisões de formatação, a forma e a tipografia feita especialmente para o livro por Laura Daviña, a qual será de uso livre. Desde o início Laura estava conosco; e, em cada reunião dos três juntos, o livro se presentificava, às vezes as funções se confundiam, natural para um processo aberto, horizontal e transparente. Mesmo que virtualmente, o conselho editorial – Ivanna Margarucci, Renata Cotrim e Thiago Lemos – e os autores convidados – Elena Schembri, Gerardo Garay e Margareth Rago – estiveram presentes em uma metodologia que respeitou o conteúdo individual e coletivamente. No processo percebemos que seria interessante mais uma contribuição, por isso Ivanna e Thiago escrevem o último texto da publicação. Também estiveram na equipe as revisoras textuais – Ieda Lebensztayn e Valeria Mata – e as revisoras técnicas – Cibele Troyano e Flor Pastorella. Realizamos também atividades de apresentação com comentários da equipe e leituras públicas de Raquel Nogara e Cibele Troyano.

A tradução, feita por Fernanda Grigolin e Rodrigo Millán, foi conduzida com calma e muita discussão, do processo surgiram elementos essenciais para compreender, de fato, o pensamento de Luce e o conceito tão importante para ela e Luigi Fabbri: a contrarrevolução preventiva.

A presente obra é publicada em português e em espanhol, com o mesmo tratamento textual e editorial e uma pequena diferença, que são os poemas presentes nos marcadores de livro (a serem destacados). Foram escolhidas poesias distintas da autora, que, além de professora e pensadora anarquista, cometia uns poemas.

Sejam bem-vindes ao seu encontro com Luce Fabbri a reflexão antifascista e anarquista dela.

Darío Marroche e Fernanda Grigolin

# Luce Fabbri: por uma crítica libertária e classista do fascismo

Elena Schembri

A anarquista italiana Luce Fabbri, nascida em Roma em 1908, passou sua adolescência em Bolonha, cidade onde historicamente foram poderosas as lutas sociais no campo e na cidade, particularmente no final do século XIX e início de XX. Filha de Luigi Fabbri, importante pensador anarquista e grande amigo de Errico Malatesta, Luce foi continuadora do pensamento malatestiano e anarcocomunista, com fortes críticas aos autoritarismos fascistas mas também de marco bolchevista.

O regime de Mussolini, que se instaurou oficialmente com a marcha sobre Roma de outubro de 1922, afetou diretamente sua vida, e incansável foi sua tentativa de elaborar uma leitura anarquista do fascismo que, muitas vezes, se diferenciava notavelmente de leituras partidárias. As experiências vividas em primeira pessoa, como testemunha das causas que levaram à formação dos camisas negras, que fomentaram o surgimento do fascismo, e como refugiada na França e no Uruguai, tornam ainda mais preciosas suas análises, capazes de transmitir a atmosfera, inclusive espiritual, que reinava naqueles momentos históricos tão perturbados. Em tal direção ia seu trabalho de difusão do pensamento antifascista, que ainda hoje resulta precioso para entender a realidade em que vivemos.

*El fascismo, definición e historia*, publicado em 1963, representa uma continuação e um enriquecimento das ideias desenvolvidas em *Camisas Negras, estudio crítico histórico del origen y evolución del fascismo, sus hechos y sus ideas* (Buenos Aires, Ediciones Nervio, 1934). Esse último ensaio reúne seis conferências ministradas em 1933 no Colegio Libre de Estudios Superiores sobre o tema do fascismo italiano e internacional em Rosario de Santa Fé (Argentina); foi publicado pela editora Nervio de Buenos Aires. Representa uma leitura libertária e classista do fenômeno fascista e, graças a seu tamanho, desenvolve uma análise pontual e detalhada do fascismo italiano e internacional, desde sua origem, até seus primeiros anos de instauração e endurecimento.

Com *El fascismo*, que foi escrito numa época mais distante dos eventos narrados e com uma forma mais concisa, típica dos folhetos anarquistas, Luce confirma algumas teorias de textos antecedentes e consegue definir o processo de formação do regime com conclusões que em 1934 ainda não se poderiam prever. Além disso, consegue alertar os leitores sobre as peculiaridades do regime mussoliniano de maneira que a leitura se torna útil para interpretar a realidade atual. A difusão do pensamento anarquista e, particularmente, antiautoritário sempre foi uma preocupação da pensadora italiana, como parte de sua militância política. O fato de que o texto foi publicado pela editora da Universidade da República de Montevideú, onde ela foi professora de literatura, deixa entender que seu pensamento foi reconhecido também em campo acadêmico. No começo da década de 1960 no Uruguai, havia um regime democrático enquanto, quando foi publicado *Camisas Negras*, tanto a Argentina quanto o Uruguai estavam governados por regimes ditatoriais. É preciso acrescentar que em 1934 Luce tinha 27 anos, enquanto em 1963 tinha mais de cinquenta anos, era já professora universitária e conhecida dentro do movimento anarquista uruguaio mas também latino-americano, particularmente no Cone Sul. Na década de 1930 havia no Brasil a anarquista e feminista Maria Lacerda de Moura, que escreveu artigos e livros<sup>1</sup> sobre o fascismo italiano, focados sobretudo na relação entre estado e igreja; porém, de fato, podemos afirmar que não existiam, na América Latina, muitos textos desse tipo em circulação.

Seguindo os passos do pai, que foi um dos primeiros na península Italiana a analisar e estudar esse novo movimento político e sua ação violenta e que publicou em 1922 *La controrivoluzione preventiva. Riflessioni sul fascismo*, a anarquista retomou tal conceito, o de contrarrevolução preventiva para explicar as origens do fascismo<sup>2</sup>. Isso significa que, conforme Luce, o regime mussoliniano começou a enraizar-se em um momento histórico caracterizado por grandes agitações, manifestações, ocupações e greves dos trabalhadores, na cidade e no campo, na esteira, inclusive, da Revolução Russa de 1917. Na mesma época a Itália atravessou a famosa Semana Vermelha de 1914, a Primeira Guerra Mundial e

1. Os livros são: *Clero e Fascismo: horda de embrutecedores* (1933); *Fascismo: filho dileto da Igreja e do Capital* (1934).

2. Em tal sentido, vale a pena citar um trecho que sintetiza a leitura luciana sobre o tema da ação contrarrevolucionária do movimento fascista:

*Este tipo de acción violenta, a menudo sádica, orientada contra las realizaciones de la clase obrera y contra los intelectuales considerados de izquierda, constituía lo único concreto y materialmente visible del movimiento fascista, a través de sus continuos cambios de ideología. Y es aún allí, en esos hechos siniestros, iluminados por toda la experiencia posterior, que haya que buscar hoy la substancia y la definición del fascismo* (FABBRI, 1963, p. 11).

o Biênio Vermelho de 1919-1920, marcado pelas experiências de autogestão, com a ocupação de fábricas e coletivização das terras, e a formação de conselhos operários.

Conforme Luigi Fabbri, um dos fatores determinantes do sucesso do fascismo foi a fragilidade do socialismo reformista e legalista que desmobilizou o proletariado na espera das diretivas de partido, e tal hipótese é compartilhada pela filha Luce. Segundo tal perspectiva, existia nos meios proletários uma retórica revolucionária muito presente mas, de fato, não houve uma verdadeira revolução. Quando a burguesia, assustada por perder seus privilégios, entendeu a fraqueza do proletariado, operou uma contrarrevolução, que se tornou em seguida um fenômeno mundial e, podemos dizer, ainda presente na atualidade.

Como em *Camisas Negras*, Luce identifica duas etapas evidentes do fascismo. A primeira fase era marcada pela ação dos bandos fascistas que se distinguiam por uma violência repressiva, sem um programa político e sem ideologia, movidos pela vontade de poder individual e nacional, estimulados pela burguesia. Segundo a autora, para entender as peculiaridades do fascismo, é importante analisar esse processo porque é ali que toma forma um estilo reconhecível, que se repetirá em movimentos análogos. Quando a autora fala de despertar da besta, de um movimento em busca de uma ideologia, de paixões e sentimentos que são ideias em formação, não podemos senão pensar nos discursos de Trump e Bolsonaro e demais políticos da nossa época. São eles que encarnam atitudes de homem branco, burguês, racista, machista, com um impulso conservador e contrarrevolucionário. Quando, ainda, no texto encontramos palavras como “crueldade”, “culto ao super-homem”, “desprezo pelo homem e sua liberdade”, parece reverberar o discurso de muitos movimentos populistas europeus que pretendem defender a fortaleza Europa e suas “origens cristãs” da suposta invasão de migrantes provenientes do mundo árabe ou africano. Ao mesmo tempo, podemos citar a bancada evangélica no Brasil, que é portadora de um pensamento contrário a qualquer abertura em relação a direitos das minorias e, no caso específico, à entrada nas escolas do debate sobre a questão de gênero.

A segunda fase do fascismo se caracteriza pela legalização da ação violenta do regime e tem como ponto de partida o discurso ao Parlamento do dia 3 de janeiro de 1925, em que Mussolini reconhecia suas responsabilidades em relação ao homicídio do socialista Giacomo Matteotti. Com isso teve início o período totalitário que é acompanhado de medidas que legalizam a ação das milícias voluntárias, criam Tribunais Especiais, fecham as fronteiras,

restabelecem a pena de morte, abolem o sistema representativo, tornam as eleições uma farsa e o estado um controlador da economia com a criação de Corporações e, posteriormente, do Instituto de Reconstrução Industrial.

Do ponto de vista econômico, a classe proprietária concebeu o fascismo como uma arma para conservar a iniciativa privada. Ante a impossibilidade de tal conservação, a classe dirigente adotou alterações estruturais que lhe permitiram manter sua posição, levando a uma burocratização do capitalismo, já em crise, em que o estado se tornou responsável pelas perdas e o partido único o possuidor do poder do estado. Luce define tal condição com o conceito de capitalismo de estado, em que o estado, através de seu absolutismo em todos os campos políticos e sociais, controla a economia, com base na força pública<sup>3</sup>.

Graças à leitura do texto luciano, será possível analisar com mais instrumentos e conceitos os acontecimentos atuais marcados pelo retorno de ideias nacionalistas e conservadoras que pretendem frear qualquer conquista dos trabalhadores e anular direitos e reconhecimentos das minorias. Com certeza, esta era a vontade de Luce, que nunca se cansou de propagar seu pensamento antiautoritário e sempre acreditou na importância da preparação e formação intelectual das pessoas trabalhadoras ao exercerem a luta revolucionária.

#### Referências Bibliográficas

- FABBRI, Luce. *El totalitarismo entre las dos guerras*. Buenos Aires: Ediciones Union Socialista Libertaria, 1948.
- \_\_\_\_\_. *L'anticomunismo, l'antimperialismo e la pace*. Montevideo: Edizioni di Studi Sociali, 1949.
- \_\_\_\_\_. *La libertà nelle crisi rivoluzionarie*. Montevideo: Edizioni Studi Sociali, 1947.
- \_\_\_\_\_. *La libertad entre la historia y la utopia*. Rosario: Ediciones Union Socialista Libertaria, 1962.
- \_\_\_\_\_. *La strada*. Montevideo: Edizioni Studi Sociali, 1952.
- \_\_\_\_\_. *Problemi d'oggi*. Napoli: Edizioni RL, 1958.
- \_\_\_\_\_. *Sotto la minaccia totalitaria*. Napoli: Edizioni RL, 1955.
- FABBRI, Luigi. *La controrivoluzione preventiva. Riflessioni sul fascismo*. Bologna: L. Capelli, 1922.

3. Em tal sentido, podemos citar um trecho esclarecedor de seu ponto de vista: “Ahora, que hemos asistido al ciclo completo, cerrado por la derrota en la guerra, sabemos que fascismo y nazismo estaban en el camino que lleva al capitalismo de estado a través de un absolutismo total, basado en la fuerza pública y el control de la economía, pero extendido a todos los demás terrenos: el cultural, el deportivo, el de la distribución geográfica o laboral de la población, el biológico, etc.” (Idem, p. 22).

# História e continuidade

## Gerardo Garay

Luce Fabbri foi condenada a jurar lealdade ao regime fascista; seus colegas da antiga Universidade de Bolonha sugeriram isso a ela. Como evitar os tentáculos desse “monstro assustador” se a sua sombra, cheia de cumplicidade e gritos de horda, se espalhava por toda parte? No entanto, ela escolheu fugir. Nesse canto do mundo chamado Montevideú, Luce se tornou mais forte, mais sábia, mais revolucionária.

Antes de imigrar ilegalmente pela fronteira francesa, defendeu sua tese de doutorado diante do olhar atônito de professores e censores. Eliseo Reclus foi o protagonista: primeira provocação. Esse gesto, para quem o soube ler, não representava nada de estranho às pessoas pertencentes à sua auri-flama libertária: ao medo se responde com cultura e liberdade. Para Luce Fabbri, o conhecimento, a sabedoria, o estudo, o primor ao escrever não foram motivo de vergonha ou culpa refinada. O conhecimento foi brandido como uma arma: para colocar em diálogo a “cultura erudita” e “cultura popular”, para tomar a palavra em nome daqueles que não têm voz, para avisar a seus pares quando a ação levava ao dogmatismo. A “palavra” não a distanciou do compromisso político; surgiu da ação, para retornar a ela, enriquecendo-a e transformando-a.

Essa atitude em relação à cultura, tão característica – embora não exclusiva – do movimento operário e da tradição ácrata, está em nossos dias francamente em declínio. As críticas à herança da “ilustração”, denominada “burguesa”, “elitista”, “disciplinar”, “competitiva”, fizeram desta presa, um conjunto de farrapos rasgados pelas mordidas de um público cansado de pensamentos. Talvez seja por isso que Luce, em seus últimos anos, estudou com tanta dedicação os mecanismos da autodidaxia operária.

O que pode ensinar ao nosso tempo o último século de lutas pela emancipação social e política? O que aprendemos? Por que revivem as mentalidades arquetípicas que renegam a história e retiram o valor dos gestos humanos? Que responsabilidade cabe a nós nesse retorno do medo da liberdade e das políticas repressivas?

Luce não tinha a resposta, mas deu o primeiro passo para começar a procurá-la. Em primeiro lugar, é necessário evitar colocar-se fora deste mundo (atualmente existem mecanismos sutis e muito eficazes para permanecer à margem do mundo e da história). É na história que devemos encontrar as respostas para os desafios contemporâneos; é o território onde o destino de todos os seres humanos é decidido. Portanto, não vamos sacrificar o presente em nome de qualquer abstração; nosso “aqui e agora” é o lugar privilegiado, o lugar ético no qual se atualiza nossa vocação libertária. Uma vocação-tradição que não começou conosco, que não acabará em nós, mas para a qual cada um, em nossa fragilidade, com nossas limitações, tem uma contribuição única para dar; uma contribuição especialíssima e subversiva.



# através da história

1. Origens
2. Violência e espírito de classe
3. Da praça do Santo Sepulcro ao totalitarismo
4. Em busca de uma ideologia: nacionalismo e racismo
5. Totalitarismo e vontade de poder Itália e Alemanha
6. A contrarrevolução preventiva
7. O fascismo como fenômeno de patologia social



# Fascismo: definição e história

Luce Fabbri

O subtítulo deveria ser: definição através da história. O fascismo é um fenômeno histórico sem autoconsciência, que tem adquirido uma coloração diferente de acordo com as circunstâncias, tanto que poderia ser considerado como «uma força em busca de uma ideologia». Esta é uma definição insuficiente, sem dúvida, mas ela se aproxima do núcleo que permanece depois de ser descartado o puramente instrumental e o contraditório, e está longe de ser uma fórmula vazia, como veremos. A única maneira de observar isso é seguir a palavra e a realidade mais ou menos correspondentes ao fascismo em seu processo e contexto histórico.

1. Apesar de, desde 1887, a Itália ter integrado a Tríplice Aliança junto com a Alemanha e o império Austro-Húngaro, quando o conflito começou em agosto de 1914, ela não declarou guerra à Tríplice Entente (formada pela Inglaterra, França e Rússia). Em abril de 1915, a Itália assinou o Tratado de Londres, segundo o qual, em troca do abandono da Tríplice Aliança e da entrada na Tríplice Entente, receberia os territórios localizados na costa do Adriático, os quais disputava com o império Austro-Húngaro. No entanto, no final do conflito, a Itália não recebe o que lhe fora prometido. O esforço de guerra rendeu a esse país um legado de perdas materiais e humanas significativas e uma grave crise econômica. As reivindicações territoriais pela "Itália não redimida" (vinda do Irredentismo italiano) e pelo mal-estar social do pós-guerra teriam sido, segundo vários autores, a base da ascensão do movimento fascista.

2. A palavra «sansepolcristas» refere-se aos fascistas originais, aqueles que estiveram no momento fundante em Milão/Itália.

O ponto de partida é a guerra de 1914-18<sup>1</sup>; o local de partida é a Itália.

## 1 Origens

Obviamente existem raízes que vão mais além no tempo e há ecos que ultrapassam qualquer fronteira no espaço. Porém, quando nasce uma palavra, nasce sempre uma realidade adaptada de uma certa nova maneira; sempre há, no nascimento de uma palavra, uma história a começar. Pode haver toda uma série de antecipações; neste caso podemos chamar de pré-fascistas; mas o fascismo propriamente dito começa em uma sala da Presidência do Círculo de Interesses Industriais e Comerciais, cujas janelas davam para a Praça Milanese do Santo Sepulcro, em 23 de março de 1919. Os participantes daquela assembleia, abundantemente qualificada então de histórica, receberam, após o triunfo, o título de «*sansepolcristas*»<sup>2</sup>.

É necessário dizer: alguns tentaram depois ocultar esse privilégio, fruto de um erro inicial no qual caíram de boa-fé, arrastados por uma demagogia: simultaneamente nacionalista

e operária; porém, que só pôde enganar uma minoria de intelectuais, enquanto o mundo do trabalho tinha uma ideia clara da natureza conservadora do novo movimento desde o seu início.

Se nem todos os « sansepolcristas autênticos » participaram dos desfiles de rotina, durante os vinte anos de duração de governo fascista, muitíssimos se transformaram – como uma maneira de compensar – em « sansepolcristas falsificados »: surgidos em grande número durante o processo de burocratização do regime e, em suas ofegantes tentativas de antecipar a data da sua filiação ao partido, chegavam às vezes a alcançar o resultado “ótimo” de fazer parte de uma minoria privilegiada de fascistas pioneiros. Naturalmente, nem os autênticos que partiram imediatamente, nem os apócrifos que chegaram muito depois, servem para estudarmos o fenômeno fascista mais do que superficialmente na desorientação que o incuba, choca e faz crescer e no conformismo que o acompanha quando triunfa.

Se a reunião da Praça do Santo Sepulcro em Milão foi algo como o batismo da nova corrente, seu nascimento real é mais difícil de definir, menos localizado no tempo, e suas primeiras manifestações se observaram esporadicamente por toda a Itália e maciçamente na Planície do Pó.

Eu assisti a esse nascimento, e meus poucos anos de então, os quais descapacitariam meu testemunho, foram compensados por uma localização excepcional, tanto geográfica como social e culturalmente: Bolonha, a cidade onde eu vivia, foi considerada sempre o principal centro de irradiação do fascismo. E se com meu pai eu frequentava de vez em quando lugares relacionados com os três ramos da intelectualidade e do conhecimento – o jornalismo, os partidos de esquerda e os sindicatos operários –, por ser estudante ginásial eu tinha contato também com as famílias da pequena e média burguesia local, cujos filhos, junto com trabalhadores desempregados, formaram os primeiros contingentes de « camisas negras ». Minhas lembranças, fixadas na minha memória por um apaixonado interesse, se renovavam dia a dia e dia a dia eram submetidas a um processo de crítica e discussão em todos os níveis. Eu sentia muito ódio e amor ao meu redor; vivia-se entre mal-entendidos e a verdade era procurada. A rua, tumultuada e exasperada; minha casa, uma travessia serena (embora às vezes dolorida, às vezes entusiasmante) de correntes de pensamento em confluência; as casas dos meus colegas, em sua maioria submersas em um silêncio reticente, rancoroso, relutante, cheio de desprezo, que, de repente, encontrou o seu grito

3. As expedições punitivas eram muitas vezes organizadas e pagas por grandes industriais e latifundiários e totalmente protegidas pela polícia, com apoio das forças armadas. Entre os primeiros lugares incendiados estavam cooperativas e bibliotecas operárias; as primeiras vítimas apunhaladas pelo fascismo foram os sindicalistas operários. Qualquer greve iniciada, o industrial ligava aos «camisas negras» e começavam as cenas de horror das expedições punitivas. Os operários não dispunham de dinheiro nem de automóvel para realizarem uma reunião em grande número e rapidamente (...) a derrota era certa. As greves começaram a diminuir e os proprietários dos meios de produção, cheios de cobiça, aproveitaram a impotência dos operários para diminuir imediatamente os salários. Luce relata que já os primeiros pelotões das expedições punitivas estavam conscientes da sua missão e tinham horror aos livros... Queriam eliminar qualquer causa que levasse ao desejo de independência ou revolução dos operários do campo e da cidade e por isso eliminavam a sede por cultura. Nota redigida a partir das páginas 146 e 208 de *Camisas Negras* (Buenos Aires, Ediciones Nervio, 1934), de Luce Fabbri.

4. Aqui Luce traz o contexto bolonhês da Primeira Guerra e a criação de instrumentos municipais para venda em baixos preços de uva, pão, leite, arroz e verduras. Formas comunais e associativas são construídas pelas pessoas locais, que passam a realizar trocas diretas sem uso de dinheiro. A medida salvou a cidade de fome crônica, adiou o racionamento de alimentos por vários meses, além de ter sido gerada por uma experiência coletiva e de classe entre os trabalhadores.

quando as primeiras « expedições punitivas »<sup>3</sup> esgrimiram punhais, facas e facões. Muito ódio e muito amor: ódio com cobiça e ganancioso do pobre que sente a força do número e quer substituir o rico em seu prestígio e seu bem-estar; ódio do pequeno proprietário empobrecido pela inflação, que quer defender-se da crescente onda a fazer subir não só o seu rendimento, mas seu medíocre mundo moral – apolítico, algo ascético, temeroso do escândalo – e sua pequena cultura encastelada nos clássicos, ameaçada por qualquer ousadia filosófica ou meramente estilística; ódio do novo-rico, especulador de guerra que não libera a presa e ostenta seu luxo como um cetro ou uma coroa (“tubarão”, chamaram-lhe então)... Tratava-se de um ódio tangível, porque estava ligado a situações materiais, e sociólogos podiam medi-lo. Por isso sabemos: a guerra o tornara imenso e o acostumara a pensamentos de morte.

O amor é mais difícil de medir, porque não se afere nem se dirige ao mensurável. Mas eu me lembro dele tão nítido e intenso como esse ódio; isso porque ele tinha saído restaurado da guerra: amor dos voluntários (estudantes, classe média) mortos na frente de batalha por uma mítica pátria; amor daquele que puxou o fuzil e foi executado por ter gritado “companheiro!”, ao que falava uma língua diferente da pronunciada pelo ocupante do outro lado das trincheiras; amor dos desertores, dos mutilados que tinham lutado contra a guerra e tinham ido para a cadeia para não morrerem outros; amor dos que se indignavam com as injustiças, denunciando parasitas; sem dizer dos trabalhadores braçais ou intelectuais organizadores de greves e preparadores de uma revolução que jamais chegou. Este amor, por vezes, por ter sofrido a guerra, era similar ao ódio; porém, quem passava perto o suficiente (eu passei muito perto com meus onze anos de idade) o reconhecia. Há documentos sobre esse amor ignorados pelos sociólogos. Por exemplo, as cartas que escreviam, enquanto estavam na frente de combate, os muitos que morreram na guerra. Tais textos foram compilados por Omodeo, um filósofo amigo de Croce, e publicou com benevolente reverência. Há outros já estudados, mas não completamente analisados, como a fria documentação do acervo da gigantesca cooperativa de consumo, organizada pelo município socialista de Bolonha<sup>4</sup> durante a guerra para alimentar corretamente a população. Há também informações, no período pós-guerra, em relação às cooperativas agrícolas de Molinella, as quais vinham eliminando o comércio privado,

emergindo como um pacífico mecanismo de transição em meio à crise cada vez mais violenta. (Foram feitas canções que mencionavam o “pão do prefeito” e outras imagens como: os donos dos grandes comércios cerravam os punhos e os barões estavam cheios de rancor...)

Mais episódios desse amor: a chegada a Bolonha das crianças de Viena, vítimas inocentes da profunda crise econômica provocada na Áustria pela derrota da guerra, acolhidas pela cidade e por famílias locais, enquanto os seus – lá – se recuperavam; a estratégia intuitiva daquelas mulheres que se deitavam nos trilhos para que as tropas que o governo italiano enviava à Albânia não chegassem aos portos de embarque, para reforçar uma ocupação que pelos mesmos motivos de resistência teve que abandonar... Falo sobre o que eu sei diretamente ou quase, visto que, então, o ar já estava cheio de enunciações que, simplificando, desfiguravam e – envoltas ora na paixão, no ódio e no amor, ora no interesse egoísta ou de sacrifício – se confundiam entre si, como sempre nos momentos incendiários da história.

O problema central – que era o do socialismo e suas relações com a vida institucional europeia, que tinha na revolução francesa o seu ponto de partida – foi levantado em todos os seus termos mesmo antes de 1914; mas a guerra e a revolução russa, ainda não sedimentadas, haviam acirrado as polarizações e, simultaneamente, perturbado a atmosfera. Só mais tarde, avistadas a certa distância e por meio de suas primeiras consequências, realizaram uma ação esclarecedora.

## 2 Violência e espírito de classe

Um dos frutos da guerra, entretanto, foi visto imediatamente e não precisou ser explicado, porque seu caráter primário e quase biológico o tornou imediatamente compreensível: o tigre adormecido em cada um tinha sido acordado e treinado para matar; e

pior, já havia matado e também recebido aplausos embriagadores. Era agora, pois, um tigre acordado e preparado.

O traço imediatamente visível no fascismo anterior à «marcha sobre Roma»<sup>5</sup>, cuja aparição não constituía uma definição, teve como principal característica distintiva a crueldade obstinadamente fria e anti-humana dos seus

5. A marcha sobre Roma ocorreu em 28 de outubro de 1922, na cidade de Roma, na Itália. Foi uma manifestação armada, organizada pelo Partido Nacional Fascista, sob a liderança de seu líder Benito Mussolini. O evento serviu para pressionar a monarquia italiana e alçar Mussolini ao cargo de primeiro-ministro do país, marcando o início do regime fascista na Itália.

6. Tropa de elite do exército italiano. A ousadia era uma especialidade da infantaria do exército italiano. Do termo surge o substantivo *arditismo*.

métodos de luta. Foi considerado inicialmente um subproduto da guerra, mais ou menos como consideramos agora a delinquência infantojuvenil. O mesmo movimento fascista salientou uma continuidade ao adotar símbolos (camisa negra, caveira, labaredas pretas) e armas (o punhal) de um corpo de voluntários do exército italiano, organizados durante a guerra, chamados de « *gli arditi* » (os ousados)<sup>6</sup>, que eram empregados nas empresas bélicas mais perigosas e, com a chegada da paz, tentaram por um tempo manter sua coesão, incapazes muitos deles de se readaptarem à vida normal, depois de tanto sangue, tantas promessas e tanto tempo fora de todo trabalho criador. Por outro lado, eles eram elementos já anômalos, que foram absorvidos pelo fascismo, juntamente com os seus símbolos quase que inteiramente. Sentiram-se donos de existências alheias produzida em tais elementos um estado de alteração física e de humor sobre-humana, para o qual valia a pena arriscar a própria vida e jogar fora o fluxo bolorento da moralidade tradicional.

Ajudou a fazer confluir no « fascismo » o « remanescente de guerra » desse tipo o fato de que a nova corrente se apresentava como um movimento reivindicador dos valores atribuídos a um conflito que o povo italiano não queria nem sentia; e tentava semear, entre as esperanças de um socialismo o qual grandes multidões desejavam imediatamente, as amarguras de uma vitória inútil, de uma paz perdida.

Quando, a partir de outubro de 1922, esses mesmos métodos desumanos continuaram a ser empregados pelo fascismo feito governo, muitos que tinham acompanhado o movimento, levados por um tipo tradicional de patriotismo, e tinham apoiado com seus métodos na esperança de que o sadismo degradante das expedições punitivas não fosse mais do que uma consequência transitória da guerra, deram-se conta de que o uso da delinquência desencadeada pela guerra não era circunstancial nem transitório, e sim obedecia a causas profundas e respondia a características substanciais do fenômeno.

O fato notável, e que eu não vi acontecer depois, nas derivações que a vitória fascista teve em outros países (penso, por exemplo, no peronismo argentino), é: se os intelectuais foram enganados ao tentar definir o fascismo e julgaram como essenciais características secundárias, variáveis ou aparentes, os trabalhadores industriais e agricultores imediatamente perceberam, mesmo que às vezes de forma elementar e esquemática, seu núcleo substancial, ao considerá-lo um movimento conservador a

serviço do patronato e fundamentalmente antissocialista. Havia também, neste entendimento realizado nos meios operários, algo correspondente a aspectos transitórios, que o mecanismo partidário, ao se tornar governo, se encarregou de eliminar mais tarde, em um futuro. Porém, essas mesmas acomodações posteriores mostraram quão mais próximos da verdade estavam os que viram imediatamente nos « camisas negras » os inimigos das cooperativas, dos sindicatos, das autonomias municipais e, em geral, do socialismo... naqueles estudantes bêbados da « família tradicional », naqueles sindicalistas sorelianos<sup>7</sup>, naqueles republicanos anticlericais, nos que acreditavam nos contínuos programas que o fascismo estruturou, proclamou e acenou como bandeiras, antes de chegar ao poder.

De fato, se os programas variavam em cada congresso e ao sabor dos acontecimentos, as ações, em vez disso, falavam uma linguagem muito clara e seguiam uma linha simples e constante. O fascismo foi essencialmente o produto de um medo feroz de todos os que usufruíam de uma situação mais ou menos estável – não relacionada totalmente com um trabalho produtivo, ou de um prestígio baseado em uma escala tradicional de valores – diante de uma enigmática revolução que parecia inevitável. O povo na rua, embriagado por uma esperança vaga, cantava: “Queremos fazer a revolução! Viva o socialismo e a liberdade!” E o fascismo emergiu contra o socialismo e a liberdade, surgindo como « contrarrevolução preventiva »<sup>8</sup>. À foice e ao martelo, o fascismo contrapropôs o facão e a caveira, em desafio consciente. Seu emblema oficial, mais refinado, era o feixe lictório<sup>9</sup> romano, símbolo de autoridade, ligado ao mesmo tempo à tradição revolucionária da Sicília (existiram uns « *fascios* » proletários na curta história da ilha após a incorporação ao Reino de Itália) e às memórias do imperialismo antigo. Tão ambígua era a utilização do mito de Roma pois na Idade Média poderia ser usado tanto por Frederico Barba Ruiva, no sentido absolutista, ou pelas comunas, que lutaram contra ele no sentido da autonomia municipal e democracia direta. O mito foi amplamente utilizado para atrair o setor juvenil, geralmente nacionalista, proveniente da classe média culta e “para exportação”<sup>10</sup>. A valorização da vitória no terreno internacional tinha como base um suposto caráter latino do Mediterrâneo (« *mare nostrum* ») que seduziu as direitas espanholas e francesas; e para essa ideia-força, que podia ser explorada tanto no sentido monárquico quanto no republicano, o feixe lictório parecia o signo mais apropriado.

7. Referente aos sindicalistas revolucionários que seguiam as ideias do francês Georges Eugène Sorel (1847-1922).

8. *Contrarrevolução preventiva* é o título de um livro sobre o fascismo, escrito em italiano por Luigi Fabbri e publicado em Bolonha em 1921. Os pensamentos de Luigi e Luce são complementares e vêm de um mesmo núcleo anarquista. Em *Contrarrevolução preventiva* Luigi Fabbri é categórico: “o fascismo corresponde à necessidade de defender as classes dominantes”.

9. *Lictório* vem de lictor: oficial que andava à frente dos principais magistrados da antiga Roma, levando, para as execuções da justiça, uma machadinha envolvida num feixe de varas.

10. Buscamos amplamente o que Luce denomina “para exportação”, talvez uma elite colonialista com ideário imperialista, saudosista do império romano e de seus símbolos. Isso pode ser o mais próximo para compreender a expressão.



Com ele foram feitas as rosetas (vulgarmente chamadas “percevejos”) que distinguiam os membros civis do partido. Mas os « camisas negras » que formavam os bandos irregulares fascistas, formalizados após 1922 sob o nome de « milícia voluntária para a segurança nacional », usavam a roseta com o crânio. Suas canções ficaram profundamente gravadas na memória dos italianos da minha geração, juntamente com o ruído seco dos tiros e os gritos das surras, não mencionavam a eterna Roma, mas eram deste tipo:

Às armas!  
Às armas! somos fascistas.  
Pau nos socialistas,  
e, para assentar,  
Pau nos populares,  
e, para acrescentar,  
Pau no parlamento.  
Pau,  
Pau, sempre Pau,  
Pau, Pau, Pau,  
Pau em quantidade!

Os populares constituíam o partido católico, não precisamente de esquerda, mas considerado bastante irritante para os grandes latifundiários, industriais e comerciantes do Norte, por disporem de importantes forças sindicais e muitas cooperativas.

O mais emblemático dos historiadores fascistas, Gioacchino Volpe, em sua *Histoire du mouvement fasciste* (Roma: Ed. Società Poligráfica Italiana), cuja segunda edição foi publicada na Itália, mas em francês, no final de 1934, não pôde negar o caráter classista do fenômeno por ele estudado a partir de uma perspectiva fascista, embora passe nesse aspecto como que em brasas. Ele diz o seguinte, por exemplo, sobre as eleições de maio de 1921, às quais o partido fascista se apresentou formando um bloco com as forças tradicionais conservadoras:

A luta eleitoral foi muito turbulenta, muitas sedes sindicais foram devastadas. O comitê fascista central opôs à violência antifascista a ordem de fazer represálias imediatas e implacáveis, embora Mussolini tenha expressado seu desejo de uma trégua dois meses antes. Mussolini teve naquele momento a impressão de que os fascistas tinham ultrapassado o limite. Na verdade, nas províncias, os jovens dos grupos de ação (em italiano *Squadre d'azione*, daí o nome de *squadristi* para os camisas negras l. f) estavam absorvidos pela luta e, por outro lado, podia-se observar a influência que

sobre eles exerciam certos elementos da sociedade, interessados em destruir para sempre, não só o partido socialista, mas também a organização econômica que dele dependia. É claro: o abismo existente entre os fascistas, de um lado, e os socialistas, de outro, e a própria Confederação Geral do Trabalho não fez nada além de aprofundar-se. (pp. 60-61).

É, naturalmente, uma apresentação de um ponto de vista dos fatos muitos anos depois, quando esses « grupos de ação » tinham sido legalizados por um historiador conformista, cuja principal preocupação era justificar, a partir da sua visão, o chefe todo-poderoso. Em maio de 1921, os “elementos da sociedade interessados em destruir o partido socialista”, dos quais o historiador Gioacchino Volpe fala um pouco de passagem, eram ou pareciam ser os verdadeiros donos da situação: arcavam com os gastos e consideravam os grupos fascistas de ação como instrumentos a seu exclusivo serviço, empregando-os em: incendiar cooperativas – que diminuía os lucros (suculentos em um pós-guerra “normal”) dos comércios privados –, destruir instalações sindicais, matar sindicalistas e bater em grevistas.

Esse tipo de ação violenta, frequentemente sádica, orientada contra realizações da classe operária e contra os intelectuais considerados de esquerda, constituía a única coisa concreta e materialmente visível do movimento fascista, por meio de suas contínuas mudanças de ideologia. E é ainda lá, naqueles fatos sinistros, iluminados por toda a experiência subsequente, que se devem buscar hoje a substância e a definição do fascismo<sup>11</sup>.

11. O fascismo foi e continua sendo um fenômeno muito debatido na historiografia. Como se nota no texto, Luce Fabbri conhece esses debates e os discute com algumas interpretações. Particularmente, com a leitura clássica feita pela historiografia de “esquerda”, segundo a qual o fenômeno do fascismo se estabeleceu na luta de classes, na reação violenta da burguesia contra a ameaça representada pela frente econômica e política das classes populares. A autora, baseada na diferença entre exploração e opressão, propõe uma nova leitura que “vai além” da interpretação marxista do fascismo. Mesmo assim, Luce dialoga com outras tendências historiográficas, antecipando-as, como a mais recente leitura na chave “culturalista-ideológica” do fascismo, que se concentra sobre a dimensão simbólica do movimento através do uso e manipulação de mitos como o culto do Lictório. Ver: Bobbio, Norberto. *Ensaio sobre o fascismo*. Buenos Aires: Universidade Nacional de Quilmes-Prometheus, 2006; e Gentile, Emilio. *Il culto del littorio: La sacralizzazione della politica nell'Italia fascista*. Roma: Laterza, 1993. No Brasil, há uma vasta bibliografia traduzida cuja autoria é de Norberto Bobbio; entre os livros está: *Do fascismo à democracia*, 2007 (Elsevier Editora).

### 3 Da praça do Santo Sepulcro ao totalitarismo

Como um conflito que o 21 de novembro de 1920 eclodiu, em Bolonha, entre socialistas (vencedores das eleições municipais às vésperas) e fascistas (determinados a impedirem a instalação do novo governo); o terror, como de costume, começa a adquirir um caráter sistemático e

planejado. Doménico Saudino, em seu livro *Genesis of Fascism* (Chicago, 1933), observa que, durante o ano de 1920, a ação dos « camisas negras » – que, no ano anterior, tivera uma natureza essencialmente política, orientada contra o socialismo como partido – passa a ser conduzida para

a destruição das organizações econômicas criadas para defender os explorados: sindicatos, ligas camponesas, cooperativas, aptos para preparar a mudança que parecia próxima, imediata.

Não acredito ter acontecido uma guinada no sentido de classe, como pensa Saudino. Creio que, desde o início, o fascismo tinha esse caráter classista. Seus oponentes diretos reconheceram isso, assim como os fascistas também, se eles eram membros de « grupos de ação », o sentiam. Infiltraram-se, por outro lado, em uma luta já planejada, trazendo-lhe alguns *slogans* novos e um método sem precedentes de violência fria e brutal: usada como uma ferramenta somente adicionada ao prazer, sendo fruto não de uma paixão, e sim de um medo calculista. Isso é o que distingue essa violência repressiva da violência revolucionária, apaixonada, muitas vezes cega, às vezes injusta, mas que almeja construir, e está dirigida a um porvir e é impulsionada pelo amor às demais pessoas. Ela pode ser negativa (caso se prolongue para além do momento insurrecional, ela quase sempre o é), mas não pode ser identificada com a primeira. A violência repressiva é filha do medo de perder o que você tem, o ódio para com todos que melhoram de vida ou querem melhorar.

Saudino, no livro mencionado, cita alguns exemplos, acompanhados por uma abundante documentação fotográfica, dessa típica violência transformada em sistema, com a cumplicidade de um governo que era fraco e se considerava sagaz.

Os bandos fascistas, compostos por remanescentes de guerra, desempregados permanentes, jovens de má índole com sede de emoções, estudantes embriagados de nacionalismo e de inabitados sonhos de grandeza e de império, eram capitaneados por ex-oficiais e por filhos de latifundiários, industriais e comerciantes.

Esses filhos cujos pais pagavam as despesas sorrindo com compreensível indulgência. Acompanhavam o gesto exposto, o sorriso, as autoridades locais. Os “rapazes” tinham boas armas e meios rápidos de locomoção, o que lhes permitia concentrarem-se e atacarem em grande número no alvo escolhido. Dessa forma, eles foram conquistando a Itália, cidade após cidade, vila após vila, parte antes e parte após a « marcha sobre Roma », cuja verdadeira importância está apenas na história institucional, pois não representa qualquer mudança radical no processo sintetizado aqui. O assassinato de uma liderança dos trabalhadores rurais de Pincara, agredido em sua casa durante

a noite por mais de cem fascistas e morto diante de sua família, não é diferente, na sua essência, da ocupação do bairro florentino de San Frediano por fascistas com o apoio da guarda real, a infantaria, carabineiros<sup>12</sup> e dois tanques – muito menos da matança de Roccastrada (julho de 1921), na qual nove pessoas foram assassinadas, incluindo um senhor de 68 anos morto na presença de sua filha, ou dos episódios atrozes de dezembro de 1922 (dois meses após a « marcha sobre Roma »), em Turim\*, muito menos do assassinato de Matteotti<sup>13</sup>, que, levado a cabo por ordem de Mussolini dois anos depois, se tornou um símbolo-resumo da metodologia fascista. A violenta supressão do deputado social-democrata José Di Vagno na província de Bari, em setembro de 1921, não difere substancialmente da realizada contra o candidato socialista Antonio Piccinini, em Reggio Emilia, em fevereiro de 1924, nem da cometida contra Gaetano Pilati, em Florença em outubro de 1925: o partido, dono ilegal da rua, e o governo partidariado (o qual se encaminhava para ser um governo de partido único) se comportavam da mesma maneira.

12. Uma espécie de polícia ostensiva, os carabineiros (*carabinieri*, em italiano) são membros da polícia militarizada da Itália, que portavam carabinas. Na América Latina, carabineiros do Chile é a instituição de polícia militar do Chile e tem como símbolo duas carabinas e a frase: "ordem e pátria".

13. Giacomo Matteotti (1885-1924) foi secretário-geral do Partido Socialista italiano. Em 1924, como deputado pelo mesmo partido, denunciou no parlamento italiano a violência fascista que originou a falsificação dos resultados das eleições de abril daquele ano. Pouco depois, em 10 de junho, foi assassinado em Roma por uma expedição punitiva.

\* Vejamos, como exemplo, a história desse massacre de Turim nas palavras de D. Saudino:

"A primeira vítima foi o vereador comunista Carlos Berrutti. Preso em sua casa, empurraram-no num carro e o levaram para as muralhas, onde o fizeram desaparecer para sempre: 'Anda!', os assassinos ordenaram. Seis tiros de revólver, e Berrutti caiu em um lago de sangue.

Pouco depois, o mesmo carro parou em frente à casa de Cesare Pochettino e de seu amigo Zurletti, dois homens que não militavam em nenhum partido, mas eram conhecidos por suas simpatias socialistas. Levados para uma zona distante da cidade, foram alinhados na beira de uma vala, e mortos a tiros. Enquanto isso, outros grupos cumpriam friamente os mesmos crimes.

Mateo Chiolero, motorista de bonde, foi pego na mesa e morto pelos fascistas na presença de sua esposa e de um filho pequeno. O ferroviário Anicono foi forçado a sair da cama e ir até a rua e foi morto ali mesmo. Sua esposa e filho foram expulsos de sua casa naquela noite; os móveis, jogados pela janela, depois regados com querosene e queimados.

Na parte da tarde, o núcleo principal das forças fascistas se reuniu nos arredores da Casa do Povo, sob custódia da Guarda Real. Como sempre, os « camisas negras » adentraram atirando bombas manuais. Os poucos funcionários que na época estavam nos escritórios foram maltratados sem piedade. Então a destruição começou. Alimentado pelo vento, tambores de gasolina e bombas incendiárias, o fogo rapidamente reduziu a esplêndida construção a um enorme braseiro em torno do qual os fascistas se entrançavam, como em ataque de delírio, numa dança infernal.

Pedro Ferrero, um trabalhador, secretário da Seção de Metalúrgicos, chegou ao local. Reconhecido, ele foi cercado, espancado, pisoteado. Gritaram: 'Enforquemo-lo!'. Outros

uivaram: 'Joguem fogo nele!'. Eles fizeram pior. O moribundo foi amarrado pelos pés a um caminhão, assim arrastado pelo Corso Victor Manuel II, e abandonado ao pé da estátua do rei. Seu corpo estava desfigurado a tal ponto, que nem a irmã nem os amigos puderam reconhecê-lo.

A série de assassinatos desse obscuro dezembro foi fechada com estes nomes: Andrew Chiosso, linchado diante da avó, que morreu de medo; Mateo Tarizzo, sacudido por tiros de rifle; Herminio Andreoni, morto diante da esposa; Evasio Becchio, Leon Mazzola, Angelo Juan Massaro e Quintaglié, um ex-carabineiro, morto a pontapés, golpes de bastão de choque e arma, pelo crime de ter lamentado o assassinato de Carlos Berrutti.

O líder fascista Brandimarte, em um relatório publicado em *// Secolo* em 20 de dezembro de 1922, declarou que ele mesmo dera essas ordens e organizara esses crimes, 'para infligir uma lição terrível sobre os revolucionários de Turim'. De uma lista de trezentos revolucionários, disse ele, nós escolhemos 24 e nós os confiamos às nossas melhores equipes para a punição deles. Observando que a lista oficial dos mortos tinha apenas catorze nomes, Brandimarte respondeu que o Pó poderia restituir os corpos dos outros, a menos que fossem encontrados em algum poço ou ravina, ou nas florestas das colinas de Turim; exceto dois que conseguiram escapar.

Inútil dizer que nenhum dos responsáveis pela matança foi preso. E isso não é suficiente: a esposa de Quintaglié, que insistiu com as autoridades para a investigação e punição dos assassinos de seu marido, foi ameaçada pelos fascistas e forçada a deixar a cidade, abandonando um emprego que lhe permitia ganhar a vida para si e suas crianças".

(Saudino, Domenico. *Sotto il segno del Littorio. Genesi del fascismo*. Chicago: Libreria Sociale, 1933, pp. 37-39).

14. Em relação ao conceito de totalitarismo, devemos assinalar que é um termo com uma história muito particular, que surge precisamente peticionado por Mussolini e, em seguida, é usado por contemporâneos e estudiosos para caracterizar diferentes processos históricos do século XX (incluindo os mencionados por Luce Fabbri). Fascismo, nazismo e stalinismo teriam, de acordo com essas interpretações, uma vontade comum de fundir estado e partido governante e, a partir disso, encerrando as fronteiras entre público e privado, por meio da subordinação do indivíduo à comunidade. Atualmente, seu uso está em debate no campo das Ciências Sociais. Grande parte dos historiadores pergunta ou rejeita seu uso (por exemplo, Ian Kershaw, um dos principais pesquisadores sobre o nazismo), por considerar que o conceito de "totalitarismo" não permite abordar as peculiaridades de cada um desses processos – em essência, diferentes. Entretanto, alude-se a uma tendência para aceitar acriticamente, mais da parte da Sociologia, Ciência Política e Filosofia Política, a qual está ligada à sua pretensão de generalização e abstração dentro de um horizonte político mais amplo próprio da modernidade. Bobbio, Norberto; Matteucci, Nicola. e Pasquino, Gianfranco. *Dicionário de política*. México, DF: Siglo XXI, 2005 (o Brasil, o dicionário foi publicado pela UNB); e Kershaw, Ian. *A ditadura nazista: Problemas e perspectivas de interpretação*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2004 (dos livros de Ian Kershaw há publicações no Brasil as edições de 1993 e 2008 de *Hitler: um perfil no poder*)

Entre um e outro desses exemplos selecionados aleatoriamente, a repetição da violência fria, da crueldade empregada em si como instrumento de intimidação, houve uma continuidade assustadora. Embora existissem penosamente – incluindo fechamento de suas redações pelas autoridades ou ateamento de fogo em seus escritórios pelos « camisas negras » –, alguns meios e jornais independentes davam, em cada um dos seus números, notícia, não de um, mas de vários casos do mesmo tipo de violência.

A data que marca a legalização mais ou menos completa da ação fascista não é a da tomada do poder; mas a de 3 de janeiro de 1925, o dia em que Mussolini fez o decisivo discurso no qual assumiu a responsabilidade pelo assassinato de Matteotti e pelos outros episódios parecidos, determinantes para a construção do seu poder absoluto. É a data de nascimento do totalitarismo<sup>14</sup>, cujo processo formativo, no entanto, ainda requer algum tempo. O fato pelo qual a violência adquiriu um caráter legal e foi exercida pela Milícia Voluntária para a Segurança Nacional, incorporada às forças públicas e equiparada ao exército, ou no campo legal por um Tribunal Especial, não a fez diminuir sensivelmente, enquanto não foram criadas todas as molas que alavancam um mecanismo capilar de controle da vida nacional, desde o fechamento das fronteiras até a volta da pena de morte; uma vez que a nova Constituição abolia o sistema representativo e reduzia as eleições como mera ratificação de uma lista única elaborada pelas altas hierarquias do partido – identificado como estado – até o controle da economia (com tendência à nacionalização) por meio das Corporações e do Instituto de Reconstrução Industrial.

Com todas essas medidas e muitíssimas outras mais – as quais exigiriam um outro estudo sobre o « totalitarismo fascista » (a palavra é uma invenção de Mussolini) – começa um segundo período da história do fascismo, durante o qual, como veremos, a definição classista do fenômeno entra em crise. Porém, cada vez que eventos internos ou externos sacudiam pouco ou muito as bases fundantes do regime (guerra da Etiópia, guerra da Espanha, conflitos com a Igreja, infortúnios da Segunda Guerra Mundial, República de Saló), a violência dos « camisas negras » voltou a desencadear na Itália as características do sadismo frio, acentuado nos últimos tempos pelo exemplo e pela colaboração das S.S alemãs\*\*.

\*\* Para se informar sobre esse aspecto, que, no fascismo, é muito mais importante do que em outros movimentos, ver, além do já citado livro de Saudino: Salvemini, Gaetano. *La terreur fasciste*. Paris: Gallimard, 1929; e Nenni, Pietro. *Six ans de guerre civile en Italie*. Paris: Valois, 1930.

O fenômeno fascista possui muita importância para que sua definição seja reduzida a esse tipo especial de violência; mas também é evidente que com devem estar necessariamente relacionadas as suas causas profundas.

O período anterior à marcha sobre Roma e o dos primeiros anos do governo foram os mais ricos em nuances e, portanto, em definições diferentes e frequentemente contraditórias.

No meio dessas nuances, no meio dessas características, no meio dessas definições parciais, todas foram validadas para algum momento, um setor ou um lugar; contudo, devemos distinguir o permanente do circunstancial, o essencialmente real do aparente.

## 4 Embusca de uma ideologia: nacionalismo e racismo

Evidentemente não importa muito que o fascismo tenha sido republicano, a seguir monarquista e depois republicano, novamente; ou que tenha sido laico ou católico, dependendo do tempo ou das regiões; ou que seus autores preferidos tenham sido sucessivamente Sorel, Nietzsche por meio de D'Annunzio, Marinetti, Maquiavel, William James, Hegel,

Gentile, De Maistre e, finalmente, o conde de Gobineau.

Gioacchino Volpe, no livro já citado *Histoire du mouvement fasciste*, assim reconhece:

“Em 1922, o Partido Fascista é a força organizada mais importante do país. Seus adversários não deixam de dizer que o programa fascista, tão indefinido, não é um programa. Estes pensadores tênues, estes hábeis construtores de ideologias confundiram a filosofia com a vida e esqueceram que as paixões e os sentimentos são frequentemente ideias em formação que, de qualquer forma, têm o poder de criar fatos que expressam em si mesmos algumas ideias...”

[Com o fascismo] unidade e disciplina foram conquistadas e uma confiança dos adeptos em sua própria obra, que quase se tornou fé. O fascismo atribuía a si mesmo não mais apenas propósitos, mas uma missão... e começou a ter mitos... O chefe galgava-se cada vez mais em cima da massa dos adeptos... Sua maneira de falar era uma ação, uma vez que se apossava da alma de seus ouvintes e sabia

como elevá-la àquele estado emocional que está próximo da ação, que é sinônimo de ação. Renunciava à eloquência ‘vazia, prolixa, insubstancial’ dos democratas, para manter uma oratória fascista por excelência, ou seja, nua, áspera, franca, crua e dura: nunca focada em detalhes, não seguia os acontecimentos do dia, mas evocava visões, indicava um caminho... Mantinha em seus seguidores o espírito militar... Em vez de discussões: *acreditar, lutar, obedecer*. Espalhava ao redor dele uma espécie de intolerância, quase desprezo por homens muito sábios ou inteligentes demais...” (pp. 87-91). Nas páginas anteriores, G. Volpe fez menção ao espírito individualista de Mussolini, que o fez considerar as massas com certo desdém.

Em outras palavras, não há no fascismo mais ideologia que um vitalismo bastante vago (a vida não é a teoria), que chega a se identificar, a um nível jornalístico, com um “historicismo”, que nada mais é que a divinização do fato consumado. Um partido militarmente organizado, que não tem programa, mas mitos, não é e não pode ser mais que um instrumento de poder. Volpe sente isso, mas não diz isso. Ele faz dizer o próprio Duce, citando seu artigo “Relativismo e fascismo”, publicado no *Popolo d’Italia* de 22 de novembro de 1921, em que ele menciona Nietzsche e sua *Wille zur Macht*<sup>15</sup> para poder afirmar que “o fascismo é a criação mais formidável de uma vontade de poder individual e nacional” (idem, p. 91).

Aqui nos aproximamos da questão de fundo: vontade de poder individual e nacional.

Individual pelos seguintes motivos: Mussolini se considerava a si mesmo uma encarnação do Príncipe de Maquiavel e, como tal, se sentia “além do bem e do mal”. Nacional, já por diferentes razões: se há um fenômeno internacional, este é o fascismo, que, na Itália, para manter-se como partido, entregou a península a Hitler (como fizeram, do mesmo modo, os fascistas de outros países europeus: Áustria, França, Hungria, Romênia, Iugoslávia, Checoslováquia, Noruega etc.). Vimos que, no primeiro período, seu caráter mais visível é a defesa do capitalismo, que apenas superficialmente é conciliável com a «defesa da pátria». E, no entanto, em todos os lugares, o fascismo não só se tornou capaz de apresentar-se como a expressão mais completa da paixão nacional agressiva e ressentida, mas também conseguiu utilizar grandes contingentes juvenis, fáceis de entusiasmar com essa vazia vontade coletiva de poder que é o nacionalismo, visto e experimentado nas praças como

15. *Wille zur Macht* significa vontade de poder.

uma afirmação ativa, cercado por uma auréola de poesia épica, de glória, de voluptuosa violência.

Na Itália, o movimento fascista, sacrificando algumas das suas mais audaciosas palavras de ordem, fundiu-se, antes de chegar ao poder, ou melhor, para chegar ao poder, com o velho e conservador Partido Nacionalista, da maneira como anteriormente havia se agrupado a muitos dos « *arditi* », dos ex-combatentes, dos ex-legionários da expedição de D'Annunzio a Fiume. Todos esses elementos contribuíram para enfraquecer o tom « soreliano » do fascismo da primeira época e intensificar o tom « nacional ».

Teve que chegar a ocupação alemã para que o fascismo fosse ao mesmo tempo sentido como « antinacional » e enfrentasse uma resistência armada inspirada em parte por ideais patrióticos. E, no entanto, as explosões neofascistas do pós-guerra mais uma vez manejavam os antigos *slogans* nacionalistas. O nacionalismo, então, está longe de constituir a essência do fascismo, mas parece ser a mais importante de suas ideias-forças, de algum modo relacionada à sua verdadeira essência. Somente o nazismo, que é o único fascismo que foi construído – embora de forma efêmera, o império que Mussolini sonhava –, encontrou a ponte entre a pátria e o mundo, deslocando a força antes dada ao nacionalismo para a bandeira do racismo, mais universal no sentido geográfico da palavra. Também o antissemitismo foi, nas mãos de Hitler, um simples instrumento, como a nação ou o império romano nas mãos de Mussolini. Assim o reconheceu o presidente do Congresso Mundial Judaico, Israel Sieff, em uma conferência recentemente proferida em Londres (notícia de jornais de 2 de dezembro de 1962), ao falar do neonazismo atual na Inglaterra e na América Latina. Mas ambas as paixões, a nacionalista e a racista, que são impulso cego, irracional, envoltas de inveja e de ódio, estão entrelaçadas intimamente com as raízes mais profundas do nazifascismo, essas raízes ultrapassam e cruzam o classismo capitalista; isto significa algo além da tendência de manter o capitalismo compreendido em seu significado tradicional e puramente econômico.

Sabemos que os mesmos fascistas ao tomarem o poder em 1922 na Itália, em nome de seu autêntico antisocialismo, sentiram-se porta-estandartes do capital e das empresas privadas. Puderam, desta maneira, aproveitar-se muito bem da grande potência que a reação antissocialista do capitalismo italiano colocou em suas mãos, a serviço de seu ódio de partido. Porém, seu espírito antiliberal e



antidemocrático acabou revelando-se ainda mais essencial que seu espírito antissocialista, com o qual, por outro lado, ele se identificava. Por sua parte, as forças da burguesia capitalista partilhavam e apoiavam ambas as atitudes, pois usavam o termo ambíguo « liberalismo » apenas em seu sentido menos válido, o econômico (para o qual, no entanto, o preferido, na Itália, é a palavra « liberismo »), mas eles pediam, contra as classes operárias e pobres, uma violência legalizada de tipo absolutista.

Viu-se nitidamente a raiz da crise econômica que as tentativas deflacionárias do regime provocaram a partir de 1926, antecipando assim, na península italiana, a grande crise global de 1929.

Não se pode dizer, obviamente, em qual proporção o arrocho, promovido pelo governo fascista, contribuiu com o processo cuja construção levou o regime a tornar-se e definir-se como totalitário. Vimos anteriormente que a reação popular causada pelo assassinato de Matteotti também tinha sido, já no começo de 1925, um fator determinante no mesmo sentido. Porém, sem dúvida, esse processo se acentuou, especialmente no campo econômico, sob a pressão da crise do sistema de preços e salários, que, ao adquirir um caráter global, por sua vez, contribuiu para a expansão do fascismo. O nazismo alemão começa nesse momento; e isso explica algumas de suas peculiaridades, por exemplo, suas palavras de ordem anticapitalistas, as quais não impediram o apoio que lhe deu o grande capital, não apenas alemão, mas internacional.

O fascismo alemão, então, com o significativo nome de nacional socialismo, repetiu a experiência italiana em um ambiente muito diferente: um poderoso exército derrotado e humilhado, um capitalismo acostumado a dominar os mercados e reduzido à falência pelo pânico internacional e pela pressão interna que se somavam às consequências da derrota, a qual fez nascer um complexo de inferioridade nas classes dominantes que estavam acostumadas ao seu tradicional complexo de superioridade, aliando isso tudo ao desemprego... A República de Weimar tinha sido uma frustração e atrasara o processo; enquanto isso, a revolução

## 5 Totalitarismo e vontade de poder Itália e Alemanha

rusa se estabilizara em um nível absolutista e, em toda parte, os partidos comunistas, que haviam crescido ao lado dos partidos socialistas imensos e burocratizados, adquiriram um caráter estratégico sem precedentes.

Todas essas novas realidades, nucleadas pela sobrevivência de um gigantesco aparato militar, desarticulado e intoxicado pela guerra perdida e pela revolução incompleta, mas não destruído, deram ao nazismo características típicas que o diferenciam, superficialmente, do fascismo italiano.

Apesar dessas diferenças, a natureza profunda dos dois fenômenos é a mesma: consiste na vontade de poder das forças sociais que dominaram por muito tempo e se sentiam ameaçadas de morte. Não tendo impulso próprio em uma sociedade destrocada pela guerra e em um processo de transformação rápida, desorganizada e violenta, esses grupos recorrem ao terror contra seus adversários, recorrem ao irracional para ganhar adeptos.

Eu disse forças sociais e não classes. De fato, se a classe capitalista é definida pela empresa privada que detém os meios de produção e é, portanto, um fator determinante na vida econômica de um país, não se pode dizer que o nazismo ou o fascismo, desde 1928, tinham sido em suas mãos um simples instrumento. Capitalistas de todo o mundo acreditaram nessa hipótese, e contribuíram para o financiamento de ambos os movimentos, mas, depois das primeiras experiências, houve muitos Thyssen<sup>16</sup> na Alemanha – como havia acontecido antes na Itália – que, procurando por servos e assassinos, haviam encontrado um amo, para quem os recursos econômicos eram armas essencialmente políticas.

Naquele momento, estava claro que, para continuar definindo o fascismo como um fenômeno classista, o conceito de classe social tinha que ser modificado, dando-lhe um significado não exclusivamente econômico e excedendo também às características inerentes ao «prestígio»: um outro fator, uma tendência a ser levada em conta ao lado da renda, como um critério discriminatório. Com essa ideia de que o desejo de obter ou preservar o «prestígio social» é um estímulo importantíssimo, para a atividade positiva ou negativa do homem, bem como o simples desejo de possuir, é dado, assim, um bom passo para resolver o problema o qual nos preocupa, e muitos outros, mas apenas um passo.

Não acredito que o fascismo, nem qualquer um dos grandes eventos de nossa época, possa ser entendido na mesma medida, sem ampliar os critérios usados para a divisão teórica das pessoas em classes. Se, por essa discriminação,

16. Refere-se ao industrial Fritz Thyssen, que foi um dos vários industriais que financiaram o governo nazista alemão e escreveu o livro: *Eu financiei Hitler* (Porto Alegre: Livraria do Globo, Barcellos, Bertaso & Cia., 1942). Morreu em Buenos Aires em 1950. Muitos nazistas se esconderam na Argentina.

nos baseamos, não no nível da vida, mas no grau de poder, tudo se torna muito mais simples e claro.

Enquanto a divisão entre exploradores e explorados é difícil de fazer, já que a maioria da população pertence de alguma maneira a ambas as categorias – olhe para a porcentagem de burocracia semiparasita que o Uruguai possui em seus quadros, por exemplo –, a outra classificação, que é naturalmente estabelecida entre os ocupantes das posições-chave na vida coletiva e os outros integrantes da sociedade, fica mais nítida aos olhos do homem comum. Burnham, em seu livro *La revolución de los directores*<sup>17</sup>, quer reduzir essa segunda qualificação para a primeira – que é a tradicional – observando que os técnicos da organização e não os donos do capital são aqueles que, em nosso tempo, têm acesso à propriedade real. Isso é verdade, hoje, nas grandes corporações, como era verdade ontem que os donos dos meios de produção tinham poder real em suas mãos. Contudo, ontem, como hoje, poderíamos dizer que o controle de um setor de produção é apenas um entre tantos instrumentos de poder e que todos os detentores deste último mesmo estando em permanente conflito entre si; eles estão ligados por uma fundamental solidariedade, que se torna consciente nos momentos em que o resto do grupo social, denominado pelo fascismo de « massa amorfa », torna-se perigoso para eles.

Tem-se afirmado muitas vezes nos últimos tempos que o estado contemporâneo, com todas as suas atribuições correspondentes aos organismos ramificados, é em si uma classe social. E isso é verdade não só em regimes totalitários, mas também nos plutodemocráticos, nos quais, aliás, para que a definição de classe dominante seja completa, tem-se que incluir nela, juntamente com as equipes líderes da administração pública (incluindo exército e polícia), os das empresas privadas, partidos, igrejas, sindicatos, instituições esportivas etc. A discussão que teve lugar dois ou três anos atrás na Inglaterra, França e Itália<sup>18</sup>, sobre a importância política do « aparato » dos grandes partidos e da influência que exercem sobre suas respectivas linhas de ação, é particularmente esclarecedora para o nosso tema, porque nos faz ver sob uma nova luz a continuidade histórica do « conservadorismo » e nos explica melhor a definição do fascismo como « contrarrevolução preventiva », que será para nós, finalmente, sua única definição válida.

Eu já disse que, no início, o fascismo foi interpretado e se sentiu como um movimento de defesa da classe economicamente privilegiada. A crise econômica de 1929 – antecipada

17. Burnham, James. *The Managerial Revolution*. Bloomington: Indiana University Press, 1941.

18. O texto original de Luce é dos anos 1960: ela se refere a um encontro que aconteceu naquela época.

na Itália, como vimos – revelou nele e no nazismo alemão que, como resultado dessa crise, chegou ao poder um caráter mais profundo e mais geral, do qual a defesa do privilégio econômico não era mais que um aspecto e que é resumido no título da revista teórica do fascismo italiano: *Jerarquia*<sup>19</sup>.

Contra a tradição democrático-liberal que teve sua mais forte afirmação na Revolução Francesa, o fascismo se torna o porta-estandarte do princípio da autoridade; seu classismo e seu conservadorismo são mais políticos do que econômicos e visam a defender posições, mais que posses. Por meio do fascismo da segunda época e do nazismo, o capitalismo privado visava a se transformar num capitalismo de estado, nas mãos da mesma classe dominante a favor de quem a guerra de 14 havia ocorrido, conformada a se burocratizar num elevado nível, isto é, a deixar-se absorver por um aparato de partido único, saído em grande parte de seus próprios quadros e transformado no próprio esqueleto do estado.

Como sempre acontece quando se estuda um processo histórico, essa evolução posterior do nazifascismo – inacabada talvez apenas aparentemente, pela derrota de 1945 – ajuda-nos a ver melhor seus inícios. Esse desesperado conservadorismo, exacerbado pelo medo de perder tudo e pelo desprezo às « massas amorfas e sem instrução », devia dar à violência fascista aquele caráter frio e desumano que ainda assombra a memória e que voltamos a encontrar com espanto em suas sobrevivências e nos seus novos surtos pós-bélicos.

Manter o poder a todo custo, fechando as portas às « massas » e não permitindo que elas deixem de ser massas, esse foi o programa da classe dominante ao longo do fascismo. Os sindicatos, as escolas e bibliotecas populares, as cooperativas foram destruídos pelo fogo e viram seus militantes perseguidos e mortos com selvageria, mais por serem órgãos de autoformação, autogestão e autoconsciência de uma « elite » operária cada vez mais ampla, que por serem uma ameaça ao benefício capitalista. De fato, depois de ter reprovado tanto os partidos socialistas como a democracia tradicional, a valorização materialista “do número”, o fascismo impôs ao povo italiano, por ele submetido, uma palavra de ordem destinada a mantê-lo na condição de uma massa homogênea, que é um instrumento poderoso precisamente por causa de seu número; é o lema que os esforços posteriores à guerra ainda não conseguiram apagar de todas as muralhas italianas: *acreditar, obedecer, lutar*.

Inversamente, os sindicatos e os partidos socialistas mais burocráticos, nos quais o indivíduo e sua iniciativa

19. Revista teórica fascista publicada na Espanha durante a Guerra Civil, também era grafada como *JERARQVIA* e se intitulava *Revista Negra da Falange* (movimento liderado por Franco). Cf. Ansuátegui, Antonio Duplá. “La revista falangista *Jerarquia* y el modelo imperial romano”. *Cuadernos de Historia – Geografía*, n. 38, pp. 813-837, 2012. Em espanhol, *JERARQVIA* se intitulava *Revista Negra de la Falange*.

20. Organizações sindicais espanholas com forte vinculação social e atuação: União Geral dos Trabalhadores, fundada em 1888 com uma perspectiva mais social-democrata, e a Confederação Nacional do Trabalho (CNT, Confederación Nacional del Trabajo) é uma confederação de sindicatos autônomos de ideologia anarcossindicalista da Espanha. Há inúmeras pesquisas importantes sobre a CNT e a atuação de mulheres, por exemplo. Em português, podem-se encontrar as pesquisas de Margareth Rago sobre a *agrupación Mujeres Libres* e de Thiago Lemos sobre Lucía Sanchez, ambas publicadas pela Biblioteca Terra Livre. Em 2019, a Editora Elefante traduziu e publicou no Brasil o livro de Martha Ackelsberg.

desapareciam e eram dominados por uma minoria munida pelo aparato institucional, foram aqueles que menos resistiram ao fascismo e às vezes se incorporaram a ele da noite para o dia, talvez nem sempre por fraqueza e covardia de seus líderes, como foi dito; mas muitas vezes também por seu desejo de conservar o poder e pelo obscuro reconhecimento do papel que o fascismo desempenhava na defesa das hierarquias.

O caso da Alemanha é mais típico do que o da Itália a esse respeito, porque o processo de « massificação » das organizações sindicais e dos partidos era mais avançado ali. Não ocorreu, no entanto, na Espanha, onde tanto a U.G.T. como o C.N.T<sup>20</sup>. agiram diante das forças fascistas em 1934 e no triênio 1936-39, não como massas, mas como grupos organizados de indivíduos com vontade própria.

Isso não significa que, no terreno econômico, a postura primitiva do problema apresentado pelo fascismo não fosse correta, pois já na primeira etapa as classes economicamente privilegiadas eram as que estavam no poder e os bandos fascistas, que impediam de forma sangrenta as greves, eram financiados pelos privilegiados e protegidos, mais ou menos clandestinamente pelas « forças da ordem » de um governo que respondia aos seus interesses. Mussolini não retirou qualquer governo nem realizou qualquer revolução, mas foi chamado pelo rei para chefiar o ministério (é verdade que em um momento de muita violência dos « camisas negras » em todo o país, mas sem qualquer necessidade imediata). E o poder foi dado a Mussolini para defender os valores tradicionais: pátria, propriedade, ordem, família, religião, hierarquia, contra a ralé – que, aproveitando, às vezes, as oportunidades oferecidas por uma democracia ainda que tímida e o terror dos privilegiados em relação à revolução russa – caminhava (ou acreditava fazer isso) para uma conquista de condições iguais de fato, não apenas legais, mas econômicas, sociais, culturais. Naquela época, todos pensávamos que a ênfase estava no econômico. Hoje, analisando, depois de quarenta anos, minhas memórias de infância, vejo nitidamente o quanto era importante, não só para seus protagonistas, mas também para os

## 6 A contrarrevolução preventiva

intranquilos observadores, o espetáculo dessas bibliotecas noturnas municipais, cheias de operários ávidos por discutir e estudar, que liam livros de história, de sociologia, e, por vezes, de filosofia, com a intenção de se instruírem, não para abandonarem o trabalho braçal, mas para fazê-lo melhor e também para se expressarem e dialogarem com firmeza. Esse tipo de ascensão social dava medo e infundia ódio contra os operários: medo e ódio semelhantes ao propagado pelas minorias brancas sobre as majorias negras em certos estados de origem colonial. A hostilidade racial, facilmente despertada, de maneira irracional<sup>21</sup>, em indivíduos e grupos doentes que possuem um complexo de inferioridade, é, em suas manifestações de massa, um simples disfarce do medo da igualdade, medo de perder posições « de poder ». No fundo a desigualdade e o poder frequentemente são reduzidos ao « prestígio social », pelo menos como uma ilusão.

Vimos o ciclo completo, fechado pela derrota na guerra, sabemos que o fascismo e o nazismo estavam na trilha que leva ao capitalismo de estado por meio de um absolutismo total, com base nas forças de segurança pública e no controle da economia, mas estendido a todas as outras áreas: cultural, esportiva, a da distribuição geográfica ou trabalhista da população, biológica etc. Outra questão, mais difícil, por se tratar de um terreno já bem ocupado, revelou-se o absolutismo religioso, o qual deu lugar a uma tensão de caráter permanente e a toda uma problemática conflitiva, e, em 1945, nenhuma solução era vislumbrada, muito menos teórica. O fascismo italiano tentou usar a Igreja Católica como instrumento e conseguiu fazê-lo apenas temporariamente e a um preço muito alto. O nazismo tentou criar uma religião própria, na qual Sigfrid e o sangue germânico desempenhavam um papel muito vago para se impor além do reino do terror. Franco, do tradicionalismo habsburgo-espanhol, ensaia por um quarto de século, com alguns contratemplos, o caminho da adesão aos escalões superiores da igreja constituída. Perón, cujo movimento justicialista<sup>22</sup> foi a mais típica, embora incompleta, experiência do fascismo na nossa América Latina<sup>23</sup>, começou como Franco a enfrentar esse problema; em seguida, mudou de rumo várias vezes, aleatoriamente, conforme as circunstâncias.

Dissemos que, no início, o fascismo é uma força de poder em busca de uma ideologia; mas é uma força que já tem seu exército e qualquer justificativa aparentemente racional do

21. Atualmente, Coletivos discutem intersecções entre anarquismo e combate ao racismo e a construção anarquista antirracista e desenvolvem importantes trabalhos de difusão. Para citar dois exemplos: o resgate da história de vida de Domingos Passos, militante anarquista negro com relevante atuação na Primeira República no Brasil, e a tradução do livro de Lorenzo Kom'boa Ervin *Anarquismo e Revolução Negra e outros textos do Anarquismo Negro* (2015), com notas do próprio Lorenzo

22. Mais conhecido como peronismo ou movimento justicialista. Há vasta literatura sobre o peronismo, o autoritarismo e sua construção hegemônica no estado e no sindicalismo. Em particular, a perspectiva de Luce é influenciada pela interpretação do sociólogo Gino Germani, que discorre sobre a estreita ligação entre o fascismo e o peronismo. O que se sustenta em outro postulado que a autora bebe dele, sobre a base de sustentação do peronismo. Germani identifica isso entre os "migrantes internos" da Argentina: os camponeses se tornam "novos trabalhadores" sem qualquer identificação política e, portanto, facilmente manipulados. Entretanto, existem outras interpretações questionando a ligação entre o peronismo e o fascismo.

23. Vargas no Brasil também estabeleceu um aparato autoritário: meios de comunicação sob censura, propaganda governamental, cerimônias públicas para massas, corporativismo estatal e sindicatos controlados pelo governo. Há vinculação com o nazifascismo e a participação de integralistas no Estado Novo.

que se faz pode ser facilmente imposta, todavia é mais difícil ser realizada uma mudança de mitos. O chefe divinizado é posto em um panteon junto a outros deuses, mas tal chefe mitificado demora muito em superar os demais deuses, e até os dias atuais nenhum mito em qualquer lugar conseguiu alcançar inteiramente esse patamar.

Essa dificuldade, por outro lado, é inerente a todo poder absoluto, mas adquire agora, nesse novo tipo de absolutismo, características muito mais agudas que nos tempos de Barba Ruiva ou de Luís XIV, visto que a qualquer preço e em todas as áreas são pedidas soluções totais. « Totalitarismo » definiu Mussolini seu regime, no momento em que, sobre o modelo do estado russo surgido, por meio de um processo diferente, da revolução de outubro de 1917, organizava seu próprio absolutismo, sintetizado e depois excedido por Hitler.

A própria natureza dessa óbvia imitação nos anos da crise econômica mundial indica no governo fascista o desejo de atenuar, e talvez eliminar, o aspecto privado do capitalismo, que nunca pareceu tão esfacelado como então, para, contudo, beneficiar uma classe tradicionalmente privilegiada, dócil e maleável nas mãos do estado forte. Para essa transformação do privilégio, até foram deixadas as rédeas soltas para o chamado “fascismo de esquerda”<sup>24</sup>, que entusiasmou grupos de jovens que cresceram dentro do regime sem conhecer a existência de outros horizontes, mas que revelou rapidamente breve sua periculosidade para as hierarquias e foi enviado para morrer na Etiópia.

Recapitulando. Nascido em 1919, numa atmosfera revolucionária, o fascismo nunca foi uma revolução, embora tenha assumido oficialmente esse nome. Ele foi, sim, em todos os momentos, uma contrarrevolução, diante da sua própria consciência e de seus adversários. Haver saído da legalidade, contra sindicatos, cooperativas, manifestações e canções, e tendo usado, como diz Volpe, “o espírito e a técnica de guerra contra as massas socialistas amorfas” (livro citado, p. 34), não lhe dá o caráter de uma revolução, nem ao movimento franquista quando se revoltou contra um governo legalmente estabelecido.

A ilegalidade e a violência das classes que detêm o poder (exercido ou não através do governo), e se sentem incapazes de mantê-lo usando a ordem legal que geralmente criaram, atingem o extremo de crueldade feroz. Se relemos *O Príncipe* de Maquiavel, veremos que os meios que o secretário florentino indica como necessários para preservar

24. Luce Fabbri alertou em mais de uma ocasião sobre a inconveniência de estender o termo “fascista” a qualquer manifestação autoritária ou repressiva. No entanto, como se pode ver mais adiante, o fascismo, como fenômeno histórico, apresentou “caracteres diferenciais” que podem ser incorporados em qualquer corpo de ideias, em qualquer época e lugar: desprezo pela vida e pela liberdade humana; fome de poder; burocratização dos laços e uso do “horror” como arma de dominação. A dura experiência dos movimentos revolucionários que adotaram os mecanismos da violência política deixou como resultado a perda de valiosos companheiros e a adoção de certas identidades do opressor.

« o estado » são muito mais « desumanos », no sentido técnico da palavra, do que os usados para adquiri-lo.

Na primeira fase do fascismo, proprietários e oportunistas da « iniciativa privada », acostumados a controlar a partir dela o essencial do processo histórico em andamento, conceberam o fascismo como uma arma para mantê-la. A segunda fase começa quando essa conservação parece impossível e a classe dominante se conforma com as mudanças estruturais que lhe permitem manter a sua posição, mesmo à custa da utilização de instrumentos de poder que não sejam a posse dos meios de produção.

O controle político-burocrático desses meios equivale – repito a citação de Burnham – nos níveis superiores à propriedade real. Nessa fase do processo, o totalitarismo nazifascista, a burocratização de um capitalismo em crise absorvido por um estado que assume suas perdas e a cristalização de um « aparato » de partido único (incluindo os sindicatos oficiais) que possui o estado em seu poder, convergem na formação de uma nova classe, análoga à que Gilas<sup>25</sup> mais tarde nos descreve em seu livro como a inevitável consequência de um retrocesso ditatorial do socialismo, isto é, sua identificação com o capitalismo de estado.

Para capturar as características diferenciais do fascismo, dentro desse processo desencadeado pela fome de poder que leva ao totalitarismo, temos que pesquisá-lo em sua primeira fase, durante a qual se cria um estilo facilmente reconhecível, repetido de maneira análoga (falangismo, o stalinismo, o peronismo, OAS, macarthismo, Ku Klux Klan, surtos nazistoides e de antissemitismo etc.): essas características definidoras são todas derivadas de seu impulso conservador, contrarrevolucionário diante de uma revolução iminente. Crueldade, adoração ao super-homem, desprezo pelo ser humano e sua liberdade (e o desprezo é, nesse caso, como o ódio que o acompanha, pobre disfarce do medo), o horror como arma; todos são o fruto e o sintoma de uma atitude desesperada de agarrar-se a um pedestal que se desmancha em ruínas. São grupos sociais que já esgotaram os ideais que os levaram ao poder e se encontram exaustos espiritual e fisicamente, assim como todos os setores da população que ocuparam posições de liderança, política ou econômica, por muitas gerações e agora, oprimidos pelo pânico do colapso, encontram-se vazios de recursos que não sejam os da força bestial. Entre o sadismo nazifascista e « *la dolce vita* » da pós-guerra há uma continuidade. E, se se quer uma

25. Milovan Gilas foi um político comunista; teórico do comunismo, escreveu diversos livros, entre eles: *The New Class: An Analysis of the Communist System*, em 1957, traduzido ao inglês, e *Compagno Tito: una biografia crítica*, 1981, traduzido ao italiano; o último é sobre Josip Broz Tito, presidente da Iugoslávia. Provavelmente, Luce fala do primeiro livro que citamos. Luce, sob uma perspectiva anarquista, faz uma crítica ao fascismo e a seu processo contrarrevolucionário, mas não se esquece do totalitarismo de esquerda implantado na Europa do Leste e na União Soviética. Para compreender mais a crítica dos anarquistas ao socialismo soviético, pode-se ler *Minha desilusão na Rússia*, de Emma Goldman, traduzida ao português pela Biblioteca Terra Livre (2017).



prova do que falo, pode-se ler o terrível primeiro romance de Moravia, *Gli indifferenti*, que, no entanto, transforma o fenômeno, generalizando-o, no ambiente de uma média burguesia em degeneração, na qual a indiferença moral nada mais é que conformismo.

Os adornos da existência parasitária que carregam « os indiferentes », embora baseados não em riqueza real, mas em aparências, seguem sendo o sinal externo de uma hierarquia. Nesse medo de perdê-los, e nas baixezas que desse medo derivam, estão preanunciados, mesmo antes da empresa Etiópia<sup>26</sup>, a ferocidade dos « camisas negras » a serviço da República de Saló e da Alemanha nos últimos dois anos da Segunda Guerra, as torturas de Via Tasso em Roma, as mortes lentas e atrozes dos homens de resistência pendurados pela garganta nos ganchos dos açougueiros...

Difícilmente as forças da mudança, que geralmente não lutam para si mesmas, são tão desumanas, ainda que possam ser igualmente violentas: “óleo de rícino” fornecido na rua em doses massivas não torna uma pessoa um revolucionário<sup>27</sup>. Porém, também temos de dizer uma coisa: esse desprezo, mesmo inconsciente, pelas « massas » (a própria palavra tem origem classista e desdenhosa) que, dentro de uma revolução, leva à ditadura é o ponto de partida do aparato burocrático ao qual esta dá lugar, tornando-se ainda mais conservador no segundo estágio e gerando o fascismo. É o que aconteceu com o stalinismo, tanto russo quanto exportado. De fato, em sua fase final, o processo totalitário ganha homogeneidade, precisamente porque é uma tentativa de « totalizar » o poder para conservá-lo, por parte de uma classe minoritária, economicamente parasitária, para a qual o « líder » é pouco mais do que um instrumento e, ao mesmo tempo, um mito. O poder total difere do antigo absolutismo pelo fato de ser ainda mais absoluto; e nessa possibilidade de um mais e um menos, para algo que, por definição, escapa ao relativismo inerente ao ser humano como tal, há a contradição que deixa a porta aberta para a esperança. A liberdade do ser humano não pode ser eliminada completamente sem eliminar as pessoas. Contudo, essa tentativa de onipotência, concebida mesquinamente como escravidão dos semelhantes, chegou tão longe a ponto de comprometer a própria existência física da humanidade, por meio do domínio de seus recursos mais gerais por um lado, mais sutis por outro, por parte de aparatos governamentais praticamente descontrolados.

26. A Itália, sob um ímpeto colonialista-racista, invade em 3 de outubro de 1935 a Etiópia, no continente africano. Na época foi criado um grupo paramilitar de resistência naquele país, que ficou conhecido como Os Leões Negros, que contou com a participação de intelectuais, médicos, por exemplo.

27. Óleo de rícino era uma das “armas” que as expedições punitivas usavam, juntamente com surras e assassinatos.

## 7 O fascismo como fenômeno de patologia social

Bem, o fascismo é isto: um desejo desesperado de conservar o poder e, ao mesmo tempo, um sentimento de inferioridade que leva a situar a luta no campo da violência física, ferindo adversários, que são “os outros”, o que constitui sua dignidade de homens, rebaixando neles as qualidades as quais se acredita

estarem faltando. Essas são as características que Salvagno Campos<sup>28</sup>, em uma conferência-panfleto que merecia ser mais conhecida, denomina *La Patota criminal criolla*; características que, devido às mesmas causas – autodesconfiança de cada um dos seus componentes, desejo de se impor ou se destacar, como vingança, com qualquer meio, em um ambiente considerado « superior » e odiado como tal –, levam a uma violência mórbida.

Existe, de fato, todo um conjunto de fenômenos degenerativos aos quais a vida humana está permanentemente exposta: o surto descontrolado de instintos adolescentes, o chamado crime infantojuvenil; o desafio de anormais (ou que se creem tais), manifestado por meio de um culto extremo de força e saúde (que ostentam os indivíduos graças ao grupo, mas individualmente não as possuem como característica); a psicose de guerra (ocultada sob uma ousadia fria); o desprezo pelas outras pessoas (daqueles ditos de « bem » pelas massas, dos « descamisados » pelos intelectuais, dos brancos para com os negros ou vice-versa etc.). São diferentes manifestações constitutivas da zona perigosa (alguns chamam de demoníaca) da irracionalidade. Nenhuma revolução é livre desses fenômenos mórbidos. Contudo, nenhuma os usa como armas. Em troca, os grupos sociais entronados no poder usam essas degenerações de uma forma muito racional, como resistência desesperada contra as forças de mudança. Essa resistência pode tomar a forma do golpe de estado, ou apoiar-se estratégica e demagogicamente em setores despossuídos da população (como no caso de Hitler para com o « lumpemproletário<sup>29</sup>»; Franco em relação aos mouros; Perón com o proletariado organizado do campo), sem deixar de ser resistência, quer dizer, conservação.

Esse caráter « metodológico » da « contrarrevolução preventiva » ficou explícito na última guerra, durante a expansão vitoriosa do nazismo, favorecida pelos conservadores dos países invadidos, que renunciaram ao seu nacionalismo tradicional. Em cada um desses países a violência exercida pelo

28. Carlos Salvagno Campos (1898-1955) foi um escritor e dramaturgo uruguaio, sua obra já está em domínio público.

29. Os anarquistas, como Luce, possuem um posicionamento classista distinto dos marxistas. Historicamente, as pessoas anarquistas nunca privilegiaram um sujeito revolucionário por excelência, como fez o marxismo com o proletariado industrial, por exemplo. Diferentemente dessa corrente, acreditavam que qualquer grupo pertencente à classe oprimida, como as pessoas trabalhadoras do campo, artesãs, domésticas, desempregadas e o próprio lumpemproletariado, teria um papel a desempenhar na revolução. Os anarquistas colocaram a opressão como uma questão fundamental, mais ampla em termos dos efeitos de poder que a exploração econômica marxista.

invasor com um sadismo nunca visto, para manter o controle da situação, foi violência de partido ou de classe, e esteve materialmente a cargo, na maioria dos casos, de elementos locais de direita. Há mais: tudo foi calculado para produzir no adversário detido, humilhado e torturado, a perda do respeito por si mesmo e por seus companheiros em cativeiro e no final de sua própria dignidade humana, forçando-o a se rebaixar a um grau extremo e a cooperar com o adversário e carrascos para poder sobreviver.

Em um dos primeiros livros publicados sobre o inferno de Auschwitz, escrito por uma polaca sobrevivente daquele campo de concentração, lemos: “Nosso maior sofrimento foi constituído, não pela sujeira, pelos piolhos, pelos percevejos, pelo trabalho pesado, pelos golpes que os alemães davam em nossos corpos, mas pela lama moral, dada pelas relações entre os detentos [...]. Com plena consciência, os alemães sujavam os povos no que havia neles de melhor e mais nobre, misturando-os com a pior podridão moral [...]. Eles se esforçavam para despertar a animosidade entre os detidos, aproveitando todas as diferenças possíveis: sociais, culturais etc. Mas o veneno mais terrível usado por eles foi a rivalidade racial e nacional, sutilmente despertada por nossas misérias diárias” (Lewinska, Pelagia. *Vingt mois à Auschwitz*<sup>30</sup>. Paris, 1945, pp. 136-137-150).

30. Esse e outros livros fazem parte da Holocaust Collection, realizada pela biblioteca da University of Sheffield no Reino Unido. Uma coleção em desenvolvimento, de livros sobre a história do Holocausto Judaico na Europa no início dos anos 1940.

Ao fechar o livro, as imagens de horror (os catorze crematórios, para os quais as crianças eram jogadas vivas para economizar gasolina, a cena terrível daqueles vinte caminhões cheios de mulheres nuas, que iam diretamente da enfermaria para a câmara de gás, causando a rebelião e a loucura de um soldado alemão recém-chegado que ignorava a realidade dos campos, a morte nas cercas elétricas de arame...) adquirem na memória um significado novo e mais profundo, associadas às outras imagens do cotidiano daquele lugar: um equipamento de morte lenta, antes espiritual e depois física.

Charles Eube e Paul Eluard, que assinam os prólogos do livro, em prosa o primeiro e em versos o segundo, apresentam-no como um documento antialemão; e, naquele momento e nas intenções, foi. Lido hoje, num contexto muito mais amplo e entre diferentes paixões, acreditamos poder julgá-lo melhor se dissermos que é um documento antifascista.

31. No Brasil, o título original em italiano (*Se questo è un uomo*) foi traduzido como pergunta, editado em 1988 pela Rocco. A primeira edição do original em italiano é de 1947 e em inglês de 1959.

A literatura sobre os campos de extermínio é abundante e esmagadora; mas de tudo isso nós só queremos lembrar aqui – além do livro já mencionado, importante por seu relato bem próximo das datas – a obra de um hebreu italiano, Primo Levi, intitulada *É isto um homem?*<sup>31</sup>, que insiste, por meio de

uma história assustadora, sobre esta verdade: a pior coisa que o nazifascismo fez foi ter despertado a besta existente potencialmente em todo ser humano e ter revelado ao homem de quais horrores e de quais baixezas ele é capaz.

O caráter monstruoso e massivo do fenômeno concentrou, após a guerra, a atenção de historiadores, sociólogos, psicólogos e até médicos, sobre a patologia do poder e a submissão cega. Livros como *Escape from Freedom (O medo à liberdade)*, de Erich Fromm, *Die Daemonie der Macht (O demônio do poder)*, de Gerhard Ritter, *Authority and Delinquency in the Modern State (Autoridade e delinquência no estado moderno)* de Alex Comfort<sup>32</sup>, citados aqui apenas como exemplos, tomados aleatoriamente, de uma convergência que poderíamos chamar de experimental, nos ajudam a confirmar a definição de fascismo à qual chegamos, com base na análise dos fatos: o fascismo é o produto de um esforço desesperado para conservar o poder contra qualquer tendência de mudança. Eles também nos ajudam a ver os perigos de reduzir essa tendência em termo de uma mera luta pelo poder, que fatalmente se torna conservadora, uma vez atingindo esse objetivo final.

Ritter, o menos certo na análise dos autores supracitados, vê na vida política uma antinomia trágica entre o dever de se afirmar – para estados e indivíduos – e o de autossacrifício para o bem da comunidade; e procura difíceis conciliações em uma linha argumentativa absolutamente tradicional, sem parecer perceber uma coisa: os perigos de um triunfo do “demoníaco” (segundo sua própria expressão) têm caráter mortal, no momento no qual a capacidade criativa e destrutiva do ser humano chegou muito perto dos limites da vida.

Contudo, tanto a autoafirmação como a abnegação são completamente distorcidas no fenômeno fascista, no qual a primeira é reduzida ao uso da força material e a segunda ao masoquismo da obediência cega. Além disso, eu diria: elas são distorcidas, uma vez que buscam se realizar por meio do poder coercitivo, político ou econômico de uns homens sobre outros, poder que tende ao fascismo quando ameaçado.

Gino Germani, na introdução à edição argentina do mencionado trabalho de Fromm, escreve lucidamente umas linhas a esse respeito, as quais não posso resistir a citar. Ele diz: “A estabilidade e a expansão futura da democracia dependem da capacidade dos cidadãos de se autogovernarem, isto é, de sua aptidão em tomar decisões racionais naquelas áreas em que, no passado, dominavam a tradição e o costume ou o prestígio e a força de uma autoridade externa. Significa que a

32. No Brasil encontramos a tradução de apenas um desses livros; assim como da obra de Levi da nota anterior, a tradução é dos anos 1980. O mercado editorial brasileiro sofreu muita censura ao longo da ditadura, e apenas nos anos 1980 houve um relaxamento dos censores, sendo permitida uma liberdade editorial. O livro *O medo à liberdade* foi editado aqui em 1983, e originalmente publicado nos Estados Unidos, em 1941, em plena Segunda Guerra Mundial. Não encontramos referências a traduções dos livros de Ritter e Comfort. De Comfort há uma versão em espanhol, *Autoridad y delincuencia en el estado moderno: enfoque criminológico del problema del poder*, de 1960, na Argentina pela Editorial América-lee, 1960.

33. A democracia jacobina visa à liberação dos indivíduos por meio da soberania política, à participação no estado e ao estabelecimento do poder da maioria. Suas tendências autoritárias e centralizadoras prefiguraram os totalitarismos de direita e de esquerda, segundo a autora. Ver: Fabbri, Luce. "Democracia, Liberalismo, Socialismo, Anarquismo". *Cenit, Revista Mensual de Sociología, Ciencia y Literatura*, n. 27, Toulouse, mar. 1953.

34. Luce Fabbri entende o anarquismo como a confluência e superação do liberalismo e do socialismo. Do liberalismo, herda a crítica ao estado e a ênfase na liberdade individual. Do socialismo, retém a crítica à propriedade privada e a defesa da igualdade social. Nesse sentido, o anarquismo retoma o legado das revoluções burguesas e o reatualiza nas revoluções proletárias, sublinhando que a liberdade individual só pode florescer em um contexto de igualdade social. Ver: Fabbri, Luce. "Democracia, Liberalismo, Socialismo, Anarquismo". *Cenit, Revista Mensual de Sociología, Ciencia y Literatura*, n. 27, Toulouse, mar. 1953.

democracia só pode sobreviver se alcançar um fortalecimento e expansão da personalidade dos indivíduos, que os transforma em donos de uma vontade e pensamento autênticos. Na sua dimensão psicológica, a crise afeta justamente a personalidade humana" (Erich Fromm, *El miedo de la libertad*. Buenos Aires: Paidós, 1958, Prefácio de G. Germani, p. 18).

Naturalmente, Germani se refere aqui à democracia liberal, surgida das revoluções do século passado e nela está implicado o respeito pelos direitos fundamentais das minorias; e não a jacobina, a qual tende a exigir plenos poderes para os consagrados pelo voto da metade mais um dos eleitores<sup>33</sup>. E para fazer essa explicação, que considero necessária neste momento, quero excluir do adjetivo « liberal » qualquer sentido econômico em relação à iniciativa privada, pois esta é em si mesma um instrumento de poder; e como tal já a consideraram os operários de Paris que tentavam ampliar a revolução de fevereiro de 1848 enfrentando em junho os fuzis de Cavaignac<sup>34</sup>.

Crise de personalidade, diz G. Germani: poderíamos nos contentar com essa definição provisória para entender os surtos de crimes nazifascistas na América Latina e em alguns países europeus nesse tumultuoso pós-guerra. Porém, não se deve esquecer que os estados de espírito e cultura que tais episódios revelam permanecem como perigosos instrumentos disponíveis, pois eles correspondem à mentalidade e às palavras de ordem características dos bandos armados a serviço dos poderes tradicionais, cujos órgãos por isso mesmo são frequentemente benevolentes com eles<sup>\*\*\*</sup>. Deixando de lado as repressões da revolução

\*\*\* Lemos em "Taccuino" do semanário italiano *Il Mondo*, de 23 de outubro de 1962:

"Os fascistas de Milão realizaram uma manifestação em favor das duras penas infligidas pelos tribunais de Franco para os estudantes espanhóis: eles vieram até a rua, armados de bengalas, carregando cartazes com louvor ao 'caudillo', à falange, ao catolicismo e à civilização ocidental, e atacaram o jornalista Pablo Pernici, que, sozinho e desarmado, a eles tinha feito frente. Encabeçando os fascistas ia o 'honroso' (deputado) Leccisi, conhecido por ter iniciado sua carreira política com o roubo do cadáver de Mussolini. Leccisi tinha recebido do escritório da Chefia de Polícia o aviso de que ele não devia perturbar as iniciativas pacíficas de grupos antifascistas, mas a polícia optou por ignorar a ordem e a expedição punitiva passou diante dos carros da força policial, acenando bastões, diante dos agentes que agiam de forma indiferente. Quando os fascistas se encontraram com o jornalista Pernici, bateram nele, atingindo-o com toda sua engenhosa sabedoria.

'A poucos passos – refere o *Espresso* – havia uma van e, inclinando-se sobre ela, um policial conversava com um civil. Gotejando sangue, Pernici o alcançou: – Por que não

interveio? – perguntou-lhe. Naquele momento, o honroso Leccisi, segurando o bastão manchado de sangue com a mão esquerda, saiu sorrindo de satisfação: – Não, eu não interfiro – respondeu o agente a Pernici, e seguiu normalmente com a conversa com outro civil'.

A atitude da polícia de Milão demonstra diretamente a conduta de pelo menos uma parte das autoridades: altos níveis da Polícia, do Judiciário, da Política e da Burocracia".

Até aqui *Il Mondo*. O que posso acrescentar é a comprovação do caráter geral desse estado de espírito, que, longe de ser uma nuance de uma situação circunstancial, toca de perto uma das características profundas da história de nosso tempo. Há todo um período da última "pré-guerra" que poderia ser definida por palavras de ordem que defendem o estabelecido, que só na forma diferiam de um país para outro. Elas poderiam ser resumidas na forma que foi adotada pelos grandes industriais franceses: "Mejor Hitler que Leon Blum". Elas ainda servem para nos explicar as cumplicidades ativas e passivas que o fenômeno fascista encontra, em suas manifestações residuais ou em suas novas sementes e frutos, nem sempre conscientes de seu papel, por muitos dos que ocupam altos cargos nas hierarquias econômicas e políticas. (Nota original da autora)

húngara e da argelina que, sob a aparência colonialista, foram massivos esforços de defesa do poder de uma casta (um « aparato » partidário, no primeiro caso, uma minoria dominante intimamente ligada com uma organização militar terrorista no segundo), tais surtos foram até agora bastante isolados nos países em que se produziram.

Mas não sabemos neste momento, de qual lugar pode nos ameaçar o perigo fascista que transformaria essas manifestações isoladas em avalanches de « terror e pânico à liberdade », precipitando-nos ao abismo de mais uma guerra. As únicas defesas reais contra esse múltiplo e complexo perigo estão em cada um, na racionalidade e na espontaneidade de cada um, nessa responsabilidade ativa de cada ser humano em relação aos outros, que é ao mesmo tempo um afirmar-se como indivíduo e um entregar-se ao coletivo.

### **As palavras novas**

Cada palavra assenta sua carne.  
Eu queria tatear na mata  
do mundo das palavras transparentes,  
palavras de ar,  
para ler, para escrever, para dizer,  
para projetar na escuridão a teia,  
mas que não pesem  
e que não abandonem sombra sobre a via.

Essas palavras, amigos, não existem,  
mas há no caos algo que as circunda,  
algo que possui potência para criá-las.  
E, assim, cantarei com elas, finalmente,  
cantarei finalmente um canto de vitória.

Luce Fabbri

### Le parole nuove

Ogni parola trova la sua carne.  
Io volevo cercare nella selva  
del mondo le parole trasparenti,  
parole d'aria,  
da leggere, da scrivere, da dire,  
da proiettare al buio sullo schermo,  
ma che non pesino  
e che non gettin ombra sulla strada.

Queste parole, amici, non esistono,  
ma c'è nel caos qualcosa che le cerca,  
qualcosa che ha potenza di crearle.  
E allora canterò con quelle, infine,  
canterò infine un canto di vittoria.

Luce Fabbri





# Luce Fabbri, por uma vida não fascista

Margareth Rago

Foi no evento *Outros 500. Pensamento Libertário Internacional*, organizado pelo professor Edson Passetti, na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e pelo Centro de Cultura Social, que encontrei, pela primeira vez, a anarquista italiana Luce Fabbri, em 1992. Uma senhora magra e discreta de 84 anos, então, que atraiu fortemente minha atenção por haver nascido e crescido em um meio anarquista, na Itália, em 1908, filha de Luigi Fabbri, também conhecido pelas lutas operárias e antifascistas desde jovem e pela forte ligação com Errico Malatesta.

Aos poucos, descobri que, para além de uma militante anarquista incansável, Luce era escritora, poeta, professora de literatura italiana e de história na Universidade da República do Uruguai, em Montevideu, onde vivia desde os anos 1930, e que havia se formado na Universidade de Bolonha, nos anos 1920, antes de fugir do regime fascista. Fiquei fascinada pela inteligência, pela erudição, pela agilidade das ideias e pela delicadeza do pensamento daquela mulher, para além de suas posições políticas radicais e de sua crítica contundente não apenas ao fascismo de Mussolini, mas às formas fascistas de viver. Nesse momento, eu já era leitora de Michel Foucault e participava dos grupos anarquistas em São Paulo, além de pesquisar a história do movimento anarquista e das mulheres libertárias, no Brasil.

Aos poucos, descobri que Luce editara a revista de resistência antifascista *Studi Sociali*, entre 1930 e 1946; os jornais clandestinos *Rivoluzione Libertaria e Socialismo y Libertad*; publicara vários estudos sobre o fascismo e o totalitarismo, como o livro *Camisas negras*, em 1934, denunciando a “fascistização da vida”, na Itália de Mussolini; os livretos *El totalitarismo entre las dos Guerras*, de 1947, e *Sotto la minaccia totalitaria*, de 1955; o presente opúsculo *El fascismo, definición e historia*, de 1963, agora traduzido no Brasil, além de inúmeros artigos, como “Fascismo en el Uruguay” (*Cuadernos de Marcha*, setembro/1971).

As surpresas não pararam de se suceder ao longo de nosso convívio cotidiano, em sua casa na Calle Juan-Jacobo Rousseau, no Bairro Unión, em Montevideu, onde me hospedava para pesquisar seu incrível arquivo, realizar entrevistas e me encantar com essa nova amizade. É claro que muitas vezes me perguntei se, além da pesquisa histórica e do interesse político, eu não buscava a avó italiana, a avó ideológica, quem sabe, já que, por parte de pai, venho de uma família de imigrantes calabreses, que se instalaram no Bixiga, em São Paulo, no início do século XX. Seja como for, conheci os poetas italianos com Luce e obviamente tive de estudar essa língua...

Foram cinco anos de acolhimento, afetos e de muitas surpresas, até sua despedida em 2000. Não vou me esquecer do dia em que estando sozinhas, em sua casa, gravando suas memórias, os cachorros invadiram a cozinha, eles que costumavam ficar quietinhos no quintal. Eu logo me apressei em sugerir enxotá-los educadamente com uma vassoura. E eis que, calmamente, Luce me olhou e disse: “É preciso ser libertária também com os cachorros!”.

As lições se seguiram cotidianamente...

# Alarme de incêndio. Fascismo, antifascismo e outros futuros possíveis

Ivanna Margarucci  
Thiago Lemos Silva

Por que ler Luce Fabbri hoje no Cone Sul? Podemos acreditar, junto com ela, que estamos frente a uma conjuntura de re-emergência do fascismo? Se considerarmos só alguns dos casos mais emblemáticos, como o Brasil e talvez a Argentina – a lista não se esgota com essas duas realidades –, aparecem mais perguntas. É um processo em potência, ainda não concretizado? Ou já estamos frente a uma realidade sólida e materializada?

Seja como for, o alarme de incêndio já foi acionado, pois estamos nos referindo a “tendências fascizantes” presentes e latentes, ditas e não ditas, que nos consomem em graus diferentes aqui no Cone Sul, onde o conservadorismo e o liberalismo alimentaram uma trajetória tristemente compartilhada. Isso não deixa de ser inquietante, pois as pequenas faíscas estão apenas a um passo de distância de se transformarem em uma explosão de chamas, que com a sua voracidade podem pôr fim a tudo e a todos.

Uma das principais contribuições da obra que se tem em mãos é propor uma definição do fascismo inseparável da história e que, ao mesmo tempo, nos permite pensar sobre as nossas próprias realidades, que, vividas na intensidade do cotidiano, dificilmente são problematizadas. Nesse sentido, este posfácio é um convite para imaginar coletivamente algumas linhas teórico-práticas que anseiam criar a resistência antifascista no “tempo-de-agora” – referindo-nos à brilhante expressão de Walter Benjamin –, que re-articule o passado que nos inspira, o presente que nos situa e o futuro que nos impulsiona. Sem esse horizonte, que começa no pensamento mas necessariamente se torna luta, o antifascismo – como qualquer outra teoria social, incluído o anarquismo de Luce – se transforma num sem sentido. Propomos alguns disparadores que podem contribuir para pensar a tarefa que temos pela frente.

Compreender que o combate ao fascismo deve ser menos reativo e mais ativo. Quer dizer, a negação dos princípios que definem o fascismo contra o qual lutamos – a desigualdade, a submissão, a irracionalidade e o ódio contra as minorias – não deve ser um

fim em si mesma, mas uma afirmação dos nossos princípios – a igualdade, a autonomia, a reflexão e o respeito às diferenças.

É preciso interseccionar as lutas de classe, étnico-racial, gênero e orientação sexual para visibilizar, para além da dimensão capitalista, os posicionamentos racistas, misóginos e LGBTfóbicos que o fascismo contemporâneo assume, tentando compreender como isso afeta de formas diferentes os grupos que são o alvo desses ataques. Nessa direção, aparecem dois elementos adicionais para materializar de um modo prático aquela interseccionalidade:

Conectar a agenda antifascista com as agendas de outros movimentos sociais (operários, negros e indígenas, feministas e LGBT), permitindo que o combate ao fascismo penetre em todos os segmentos da sociedade e ganhe a força necessária para defender e atacar.

Lutar pela preservação dos direitos conquistados pelos grupos subalternos, atualmente sob ataque das tendências conservadoras. Acreditamos que essa luta não pode ser somente defensiva, mas também ofensiva, orientada a materializar e expandir esses direitos.

Construir organizações de combate antifascista desde as bases, que se levantem desde baixo para cima nos locais de trabalho, sindicatos, escolas, associações locais e outras organizações, politizando a vida cotidiana das pessoas comuns e permitindo-lhes se envolverem de forma autônoma na luta.

Combater no mesmo campo que hoje o fascismo ocupa e busca hegemonizar: a educação e os meios de comunicação. Defender esses espaços, apropriá-los deles de forma crítica e criativa, e desse jeito poder pensar, inventar e divulgar a propaganda antifascista. Lutar contra suas características automáticas que levam à adesão acrítica e irreflexiva, tão bem instrumentalizadas pelo fascismo contemporâneo. Estimular e promover sempre o exame crítico contra a ignorância, na qual o poder pretende nos afogar.

Voltamos para a pergunta inicial. Então, qual é o sentido de ler esta obra hoje, várias décadas após sua publicação original? Ter a capacidade de observar as tramas e efeitos do poder de um fenômeno ainda em desenvolvimento, inacabado, que a própria contemporaneidade dos fatos encobre. Atuar consequentemente, com passos firmes. Sufocar essas tendências que, como as chamas de um incêndio voraz alimentado pelo ódio, crescem diariamente, tornam-se mais fortes e se agigantam. Conseguir apagá-las e, das cinzas que sobrem, construir algo novo: uma sociedade em que o poder, a hierarquia e o privilégio deixem de ser uma ameaça à nossa própria existência.

## Pós-facio sobre a tradução ao português

Traduzir é escolher. As escolhas foram múltiplas e estudadas caso a caso, termo a termo, respeitando o contexto e, quando possível, a construção realizada pela autora – Luce Fabbri, como, por exemplo, suas inversões e ordens indiretas entre sujeito e predicado. Porém, havia momentos em que manter a ordem indireta prejudicava a leitura do texto e foi necessário tomar uma posição ao trazer o texto ao português: passar a frase para a ordem convencional: sujeito-verbo-predicado. A decisão foi a favor das pessoas leitoras. Elencamos mais exemplos sobre nossas escolhas conscientes:

1) Mantivemos o uso da palavra *através* no primeiro parágrafo; em português, o ideal de traduzir *a través* por *através* talvez pareça ser uma medida ao pé da letra; porém, ao traduzir o *a través* para *por meio da* história ficaria perdido o sentido de atravessamento que Luce também quer trazer aqui, pois *por meio de* não daria a ideia de ao longo, no decurso. O uso coloquial de *através* no português nos aproxima do significado em espanhol, que sintetiza o que Luce quer trazer e não é preciso usar duas ou três palavras para significar uma palavra existente no português e com uso próximo no coloquial. Aliás, o emprego do advérbio *através* no primeiro parágrafo é essencial para o livro como um todo, e o desaparecimento dele no texto em português tornaria o livro “estranho” e sem a coerência entre o atravessamento histórico do fascismo e sua relação com a contrarrevolução preventiva, por exemplo. Nas outras aparições do advérbio, ele foi traduzido por *ao longo* ou *por meio*.

2) Optamos por usar *Camisa Negra* e não *Camisa Preta*, trazendo em primeiro plano a memória da obra mais conhecida de Luce Fabbri sobre os milicianos italianos e com a qual este livreto tem uma forte relação de continuidade. Dentro do ideário anarquista é uma obra de suma importância e ainda não traduzida ao português.

3) Fizemos substituições de alguns “quês”, dando mais fluidez à leitura. Porém, o uso de quês e de frases longas é “marca” de Luce, e, por ser uma edição que publica em português e espanhol, a medida da substituição foi controlada e estudada em cada momento.

4) Demos mais de uma opção às palavras que em português não têm toda uma gama de significados ou de uso próximo. Citamos o verbo *incubar*, que engloba vários significados em espanhol e em português é de uso limitado, por exemplo.

5) Optamos por manter apenas três vezes homem como sinônimo de ser humano, nos outros momentos usamos humanidade e pessoa.

6) Traduzimos as citações trazidas no meio do texto, mas mantivemos sua menção ao livro original, incluímos referências das publicações dos livros quando existem ou as encontramos em português.

7) Por fim, informamos que algumas notas de rodapé surgiram como auxílio na compreensão do texto, extremamente condensado devido ao caráter original da publicação. Como algumas imagens poéticas foram postas sem uma referência direta ao ocorrido, fizemos vasta pesquisa a respeito, como é o caso da alusão a práticas fascistas (uso de óleo de rícino) ou mesmo à vida comunal instaurada em Bolonha e às cooperativas.

O exercício tradutório foi complexo e muito gratificante. E ao nos debruçarmos nele, percebemos que o texto original precisava de uma revisão, fazendo com que da tradução voltássemos ao original, revisando-o, construindo notas coletivamente e dando vida a uma edição de Luce Fabbri que sai nas versões português e espanhol para o público dos países do Cone Sul.

Equipe de tradução



## CRÉDITOS

*Fascismo: definição e história*, de Luce Fabbri  
Edição revisada e comentada, 2019  
Primeira edição português

Edição e preparação: Darío Marroche e Fernanda Grigolin  
Projeto gráfico e capa: Laura Daviña  
Conselho editorial: Ivanna Margarucci, Renata Cotrim e Thiago Lemos  
Prefácios: Darío Marroche com Fernanda Grigolin, Elena Schembri e Gerardo Garay  
Posfácios: Margareth Rago, Ivanna Margarucci com Thiago Lemos  
Tradução: Fernanda Grigolin e Rodrigo Millán  
Notas elaboradas por: Darío Marroche, Fernanda Grigolin,  
Gerardo Garay, Ivanna Margarucci, Renata Cotrim e Thiago Lemos

Revisão: Darío Marroche, Ieda Lebensztayn, Maria Isaura Llana e Valeria Mata  
Revisão técnica: Cibele Troyano e Flor Pastorella  
Produção gráfica: Florencia Lastreto e Laura Daviña  
Impressão e acabamento: Publication Studio São Paulo  
Família tipográfica Luce Fabbri, criada por Laura Daviña

Tradução do poema *L'esilio* ao espanhol feita por Tita Mundo e  
*Le parole nueve* ao português por *Aquela Mulher do Canto Esquerdo do Quadro*

Publicam: série *Aquela Mulher/Tenda de Livros*,  
microutopias e Publication Studio São Paulo

Agradecimento: Olga Lillo  
Leituras públicas: Cibele Troyano e Raquel Nogara

Versão digital revisada em janeiro de 2020.

Fascismo: definição e história

---

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Ficha elaborada segundo a AACR2r

---

F113f Fabbri, Luce.  
Fascismo : definição e história / Luce Fabbri ; tradução Fernanda  
Grigolin, Rodrigo Millán e *Aquela Mulher do Canto Esquerdo do Quadro* ;  
prefácios Elena Schembri e Gerardo Garay ; epílogos Margareth Rago,  
Ivanna Margarucci e Thiago Lemos ; notas Darío Marroche et al. — São  
Paulo : Tenda de Livros, Publication Studio São Paulo, 2019 ; Montevideo :  
microutopias, 2019.  
36 p. ; 30 cm — (série *Aquela Mulher*)

Tradução de: *Fascismo : definición e historia*  
Obra também editada em espanhol.

ISBN 978-85-68151-14-3 (português)  
ISBN 978-85-68151-13-6 (espanhol)

1. Antifascismo. 2. Anarquismo. 3. Revoluções. 4. América Latina.  
5. Autoritarismo. I. Título

---

CDU 321.64

CDD 335.6

Ficha catalográfica elaborada pela bibliotecária Renata Fernandes Veloso Baralle —  
CRB-8/10366



**microutopías**

**PS \_São Paulo**

Esta publicação foi composta na fonte Luce Fabbri, tipografia desenhada por Laura Daviña sob licença livre GNU General Public License [disponível para download e uso irrestrito: [lauradavina.com/LuceFabbri](http://lauradavina.com/LuceFabbri)]



através

da

hist

tória

O subtítulo deveria ser:  
definição através da história.  
O fascismo é um fenômeno  
histórico sem autoconsciência,  
que tem adquirido uma  
coloração diferente de acordo  
com as circunstâncias, tanto  
que poderia ser considerado  
como « uma força em busca de  
uma ideologia ». Esta é uma  
definição insuficiente, sem  
dúvida, mas que se aproxima  
do núcleo que permanece  
depois de ter descartado  
o puramente instrumental e  
contraditório, e está longe  
de ser uma fórmula vazia,  
como veremos...



microutopias

PS\_São Paulo